

Recrutamento, mobilidade e demografia na mina de São Domingos, Alentejo (1860–1900)

Paulo Eduardo Guimarães*

Resumo

Este texto tenta surpreender os traços essenciais da demografia mineira de São Domingos, fundamentalmente a partir da análise dos registos paroquiais das freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto (concelho de Mértola, província do Alentejo) e dos dados oficiais publicados. A questão fundamental que esteve por detrás desta sondagem foi saber em que medida o novo ecossistema social afectou o comportamento demográfico da população. Partindo do estudo do recrutamento dos trabalhadores mineiros, a análise distingue duas fases na vida da comunidade mineira até finais do século XIX: a primeira, desde o início da exploração até 1866–1868, marcada pela forte presença de trabalhadores imigrantes; e a segunda, a partir dessa altura, quando se desenvolve a exploração a céu aberto (corta) combinada com a valorização dos minérios pobres em tanques de cimentação. As profundas alterações no processo de trabalho foram acompanhadas por mudanças na composição da população mineira e tiveram incidência nos níveis de mortalidade.

Palavras chave: trabalhadores mineiros (mina de São Domingos), demografia social (século XIX), Alentejo, Portugal.

* Departamento de História e Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. E-mail: peg@nevora.pt. A versão preliminar deste artigo foi apresentada na sessão 24 do VII Congresso da Associação de Demografia Histórica, intitulada «Sócio-demografia da mina: populações mineiras, séculos XIX e XX», a qual decorreu em Córdova entre 1 e 3 de Abril de 2004. O autor gostaria de expressar a sua gratidão pelas críticas e sugestões feitas pelos avaliadores, bem como o apoio prestado por António Luís Lopez Martinez e, em especial, por Arón Cohen Amselem. Ao Arón Cohen e a José António Salas fica o meu reconhecimento pelo estímulo que me deram na fase final do meu trabalho. Esta investigação insere-se no projecto POCTI/HAR/60284/2004, «A Mobilidade Social em Portugal durante os Sécs.19 e 20. Estudo Histórico (1850-1960)», coordenado por Helder Adegar Fonsca.

Abstract

This article tries to capture the main characteristics of the mining demography of Saint Domingo's mine, basically from the analysis of the official data published and of the parish registers of Santana de Cambas and Corte Pinto (Mértola county, Alentejo) where the minefield was located. The main issue behind this inquire was to establish the ways by which the new social ecosystem affected the demographic behaviour of the population. Beginning with the study of the recruitment and mobility of the mining workforce, the analysis distinguishes two phases in the construction of the community until the beginning of the 20th century. The first phase, from the late 1850's until 1866-1868, characterized by the presence of immigrant workers; and the second, from that time onwards, when a new kind of exploitation appeared, combining surface works with the industrial processing of the poor pyrites ores in cement tanks. These changes in industrial organisation and production were followed by changes in the social composition of the mining population and affected the levels of mortality.

Keywords: mining workers (Saint Domingo's mine), social demography (19th century), Alentejo, Portugal.

Résumé

Cet article veut saisir les traits essentiels de la démographie minière à Saint Domingo à partir de l'analyse des chiffres officiels publiés et des registres paroissiaux de Santana de Cambas e Corte Pinto (Mértola, Alentejo). L'objectif fondamental de l'enquête a été de connaître à quel point le nouvel écosystème social a affecté le comportement démographique de la population. En partant de l'étude du recrutement des travailleurs des mines, l'analyse distingue deux phases dans la vie de cette communauté minière jusqu'à la fin du XIX^e siècle: la première, depuis le début de l'exploitation jusqu'en 1866-1868, marquée par la forte présence de travailleurs immigrés; et la seconde, lorsque se développe l'exploitation minière à ciel ouvert (*córta*) avec le traitement industriel des minerais pauvres dans les bassins de cimentation. Ces profondes mutations dans le processus de travail ont été accompagnées de changements dans la composition de la population minière et ont influé les niveaux de mortalité.

Mots clés: travailleurs des mines (mine de Saint Domingos), démographie sociale (siècle XIX), Alentejo, Portugal.

INTRODUÇÃO

O arranque da exploração mineira em São Domingos deu início a um processo de profunda transformação do território envolvente, até então marcado por uma economia agrícola e pastoril extensiva. A pro-

cura permanente e continuada, ao longo do tempo, de mão-de-obra numa região pobre, escassamente povoada e sem tradições mineiras, suscitou movimentos migratórios intensos. São Domingos constituiu, pois, um pólo de atracção para gentes da região em demanda de trabalho (cf. mapa 1). Ao contrário de muitos outros empreendimentos que surgiram no Alentejo durante a Regeneração, marcados por lavras intermitentes e de escala mais modesta, a empresa gerida pela firma inglesa Mason & Barry, L.td desenvolveria a sua actividade durante perto de um século, entre 1858 e 1962, chegando a ocupar directamente mais de 2 mil trabalhadores. Concebido para alimentar a procura voraz da moderna indústria inglesa, o projecto implantado numa região periférica teve igualmente de estabelecer meios eficientes de transporte e criar um porto de embarque do minério na confluência dos rios Chança e Guadiana, o Pomarão. Em 1863, cinco anos depois do início da lavra, entrava em funcionamento o caminho-de-ferro da empresa, deixando de se dar trabalho a centenas de almocreves que, até então, faziam o transporte do minério em lombo de mula. A par da extracção, a empresa ocupava mais de meio milhar de artesãos e operários nas suas oficinas de carpintaria, de serralharia, no transporte exterior e nos trabalhos acessórios de pré-metalurgia e de preparação do minério para exportação.

Até à década de 1880, a Mason & Barry reinvestiu parte dos seus lucros, estabelecendo, a partir de 1866, um novo sistema de lavra (Custódio-1996^a; Guimarães-1989 e 2001). Este sistema seria acompanhado, alguns anos depois, por um novo processo de cementação das pirites pobres sem o recurso à ustulação, como era habitual fazer-se nas minas congéneres do sul da Península Ibérica. A adopção do sistema de exploração a céu aberto, em *corta*, combinado com a lavra através de poços e galerias, conduziu também à alteração do padrão de recrutamento de trabalhadores, por parte da empresa. De forma consciente, o director do empreendimento, o engenheiro James Mason, sabia que poderia passar a recrutar mais intensivamente mão-de-obra local para trabalhos a céu aberto e, por isso, com menores custos. A primitiva aldeia mineira que, além do palácio «neogótico» do director, contava com teatro, escola, casas para empregados, polícias e trabalhadores, seria destruída com o avanço dos trabalhos na corta, a partir dos últimos anos da década de 1860. O novo povoado traria igualmente a reconstrução da paisagem humana e uma nova ecologia. A descarga periódica das águas sulfatadas, provenientes da lixiviação das pirites de São Domingos e das minas espanholas na ribeira do Chança, matava o peixe no rio e no mar, afectava os pobres pescadores do Guadiana e os pescadores da sardinha, em Vila Real de

Santo António. Também as represas da mina, construídas para abastecer os tanques de cementação, criavam condições óptimas para a multiplicação dos mosquitos. Em breve, as febres palúdicas, conhecidas na região por *sezões*, tornaram-se num problema de saúde pública. Os observadores contemporâneos, por seu turno, destacavam em tons entusiásticos a dinâmica introduzida pelo capitalismo moderno naquele ermo. O frenesim do povoado industrial e a rotação constante de navios que, na sua rota mediterrânea, subiam o Guadiana para carregar minério, contrastava com a vida indolente das aldeias alentejanas e constituía um marco na realização do tão desejado Progresso para a região (Garcia-1988).

Saber *em que medida e de que forma* este novo meio industrial alterou ou afectou o comportamento demográfico da população em São Domingos constitui o objecto da nossa investigação, balizada cronologicamente pelo início da exploração e o final do século XIX. Para tal socorremo-nos, principalmente, dos registos paroquiais, dos censos da população portuguesa (1864, 1878, 1890 e 1900) e dos relatórios dos inspectores de minas. Todas estas fontes apresentam problemas sobejamente conhecidos quanto à qualidade dos dados. Salientemos apenas que, dada a natureza da própria população de São Domingos, muitos deles surgem aqui agravados. O afluxo de gente «vinda de todo o lado», de gente sem eira nem beira, deixava os párocos em dificuldades para cumprir a missão que o Estado exigia deles, quando se tratava de registrar um óbito. A omissão e a imprecisão são, por isso, frequentes como resultado desses acampamentos temporários¹, diz em respeito não apenas à filiação como também ao estado civil e à idade, frequentemente atribuída por eles. Os termos utilizados para identificar socialmente os indivíduos eram grosseiros. A maior parte surgia classificada como «trabalhador», sendo impossível saber se estamos perante um trabalhador de indústria ou de um trabalhador rural, pois o termo «jornaleiro» era excepcional. Mas em que medida se havia firmado um vínculo ao universo mineiro por parte desses trabalhadores? Não eram eles apenas

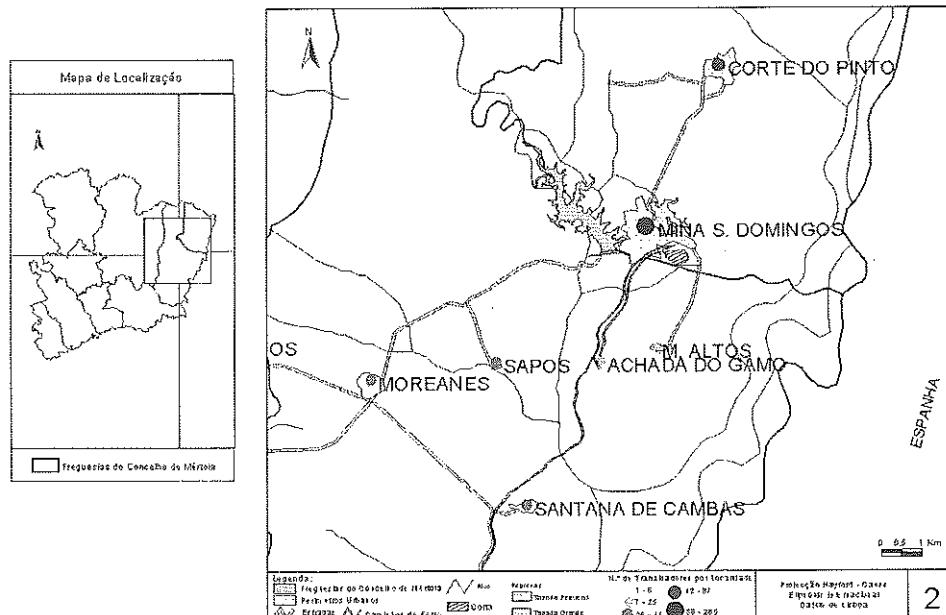
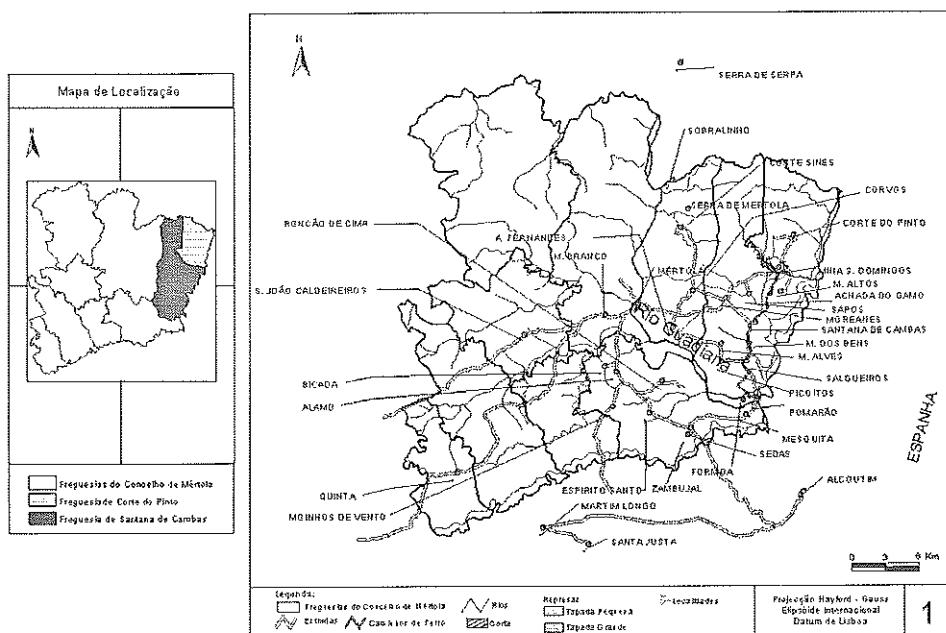
1 O registo de um óbito ocorrido na mina no dia de Natal de 1860 serve de ilustração a este respeito: «(...) *Cordas do Costenho*, dizem ser casado, ignora-se quem seja mulher, hé de profissão Barreneiro, não se sabe donde hé natural nem quem sejam os pais assim como avós paternos e maternos». De um trabalhador de Mora, residente em Ourique, falecido em 25 de Agosto de 1860 no porto do Pomarão, sem assistência religiosa, o pároco de Santana de Cambas apontou: «dizem ser casado». No caso dos espanhóis e de outros imigrantes é frequente não haver mais referências aos seus ascendentes para além do apontamento: «ignora-se quem sejam seus pais e avós».

«trabalhadores» em busca de trabalho, onde quer que ele aparecesse? Não oscilavam muitos deles, sazonalmente, entre a lavoura e a mina? Fosse como fosse, as classificações habitualmente utilizadas para distinguir os mineiros eram excepcionais: barreneiros, safreiros e mineiros escasseiam nos livros dos párocos, que serviram no novo povoado. Em contrapartida, as profissões dos grupos de ofício eram claramente identificadas. Porém, ser artesão não os desvinculava do empreendimento britânico, pois nas oficinas de manutenção e reparação encontramos carpinteiros, ferreiros, ferradores e serralheiros, ou seja, grupos profissionais que também poderíamos encontrar em qualquer povoado alentejano. Por outro lado, foram raríssimos os casos em que surgiram indivíduos designados como operários, maquinistas e fogueiros. Ou seja, o pessoal que claramente se poderia identificar com o novo universo industrial é imperceptível através destas fontes. Por isso, está fora do nosso alcance poder isolar o grupo dos «trabalhadores» ao serviço da empresa, um exercício em certa medida arbitrário, uma vez que ignora a mobilidade própria duma nova classe em formação e o impacto do empreendimento na economia local².

Deste modo, o método de reconstituição de famílias é dificultado devido à elevada mobilidade geográfica dos trabalhadores durante o período em análise. Esta mobilidade, que resultava das regras inerentes a um mercado de trabalho livre, num meio fortemente proletarizado, foi um elemento fundamental que «estruturou» esta população. Assim sendo, a nossa análise circunscreveu ao universo da população presente no espaço de influência directa da companhia, as freguesias de Santana de Cambas e da Corte Pinto. Por razões que se prendem com os caprichos do sistema administrativo, uma linha dividia o campo mineiro e a área de concessão em duas freguesias do concelho de Mértola: a de Corte Pinto e a de Santana de Cambas. Até 1866 os indivíduos da povoação mineira eram registados em Santana de Cambas, embora a maior parte vivesse na aldeia da Corte Pinto. O padrão de residência dos trabalhadores mineiros não permite igualmente distinguir as duas populações (cf. mapas 1 e 2)³. Ainda em 1883, o engenheiro de minas

2 O estudo da emigração portuguesa para as minas espanholas da faixa piritosa ibérica tem sido objecto de alguns estudos que mostram o tempo de permanência e a origem desses trabalhadores (Gil Varón-1984, López Martínez-2004). Não existem estudos para as minas portuguesas que nos mostrem a duração da permanência e a rotação da população mineira numa exploração.

3 Os mapas 1 e 2 referem-se ao local de residência dos trabalhadores da Mason & Barry e foi elaborado a partir dos ficheiros do sindicato mineiro de São Domingos. Os dados de base e a metodologia utilizada no seu tratamento encontram-se em Guimarães-2001.



MAPAS 1 E 2. Mina S. Domingos: Local de Residência dos Trabalhadores ao serviço da Mason & Barry, Ltd. (1880-1899).

Pedro Victor Sequeira indicava que $\frac{1}{4}$ dos trabalhadores da mina, ou seja, cerca de meio milhar de indivíduos, vivia fora da povoação construída pela empresa (Sequeira-1882). Além disso, as povoações do porto do Pomarão e outras, cuja vida estava ligada directamente à actividade mineira, ficavam na freguesia de Santana de Cambas. Até mesmo a actividade agrícola nesta freguesia ficou ligada, em maior ou menor grau, à Mason & Barry Ltd. Graças ao poder de influência de James Mason junto do governo, este conseguira invocar a figura jurídica de «expropriação por utilidade pública» sobre os terrenos anexos e contíguos dos trabalhos mineiros, isto é, sobre as áreas ligadas ao tratamento do minério e sobre o corredor que ligava o caminho-de-ferro ao porto. Com a evicção de dezenas de pequenos proprietários, o Visconde de São Domingos tinha-se tornadon um grande proprietário fundiário no concelho, que dava terra de renda de acordo com os hábitos da região. A vida dos seareiros da freguesia dependia directamente das terras que lhes eram cedidas. Em suma, ao circunscrevermos o nosso universo de análise às duas *freguesias mineiras* de Mértola, estamos a centrar a nossa atenção no possível impacto do desenvolvimento de um moderno pólo industrial no comportamento demográfico de populações rurais da periferia europeia.

MERCADO DE TRABALHO, FLUXOS MIGRATÓRIOS E Povoamento MINEIRO

Com o arranque da exploração mineira afluíram às freguesias de Santana de Cambas e de Corte Pinto mais de 1.300 indivíduos. Ao mesmo tempo, geraram-se substanciais alterações no interior das restantes freguesias. Como resultado do rápido desenvolvimento comercial, a vila de Mértola aumentou a sua população em perto de 1 milhar de efectivos até 1862, enquanto as restantes freguesias rurais perderam mais de 10% da população (cf. tabelas 1 e 2). Nos dois anos seguintes, chegaram ao acampamento mineiro mais 1.400 indivíduos e as freguesias rurais registaram um aumento de 4 centenas de habitantes.

Assim, nos primeiros seis anos de actividade mineira (1858-1864) entraram no concelho mais de 4 mil efectivos. Tal ritmo de crescimento abrandará significativamente a partir de 1864 e até 1878, período que ficaria marcado pela entrada em funcionamento do caminho-de-ferro e por alterações substanciais no sistema de produção. Os arranques passaram do patamar das 100 mil toneladas métricas anuais para as

TABELA 1
Evolução da população no concelho de Mértola (1849-1911)

[valores em milhares de habitantes]

Áreas	1849	1862	1864	1878	1890	1900	1911
Freguesias mineiras	1,2	2,6	5,3	5,5	7,5	7,0	9,0
Vila de Mértola	2,3	3,3	3,3	3,3	3,7	3,9	4,7
Freguesias rurais	7,3	6,6	7,0	7,4	7,7	7,7	8,5
Concelho	10,8	12,5	15,6	16,2	18,9	18,6	21,2

LEGENDA: Freguesias mineiras: Corte Pinto e Santana de Cambas; Sede do concelho: vila de Mértola; Resto do concelho: freguesias de Alcaria Ruiva, Espírito Santo, São João dos Caldeireiros, São Miguel do Pinheiro, São Pedro de Solis (a partir de 1878); São Sebastião dos Carros e Vila Glória.

FONTES: Portugal. Censos da População (anos respectivos); Estatística Paroquial de 1862 (*Chorografia Lusitana*).

TABELA 2
Variação média anual da população do concelho de Mértola (1858-1911)

[valores em milhares de habitantes]

Áreas	1858-62	1862-64	1864-78	1878-90	1890-00	1900-11
Freguesias mineiras	0,33	1,40	0,01	0,17	-0,05	0,19
Vila de Mértola	0,24	0,05	-0,01	0,31	0,02	0,08
Freguesias rurais	-0,18	0,21	0,03	0,25	0,00	0,08
Concelho	0,39	1,66	0,04	0,23	-0,03	0,34

LEGENDA E FONTES: ver tabela 1.

NOTA: A estimativa da população em 1858 foi feita a partir do censo de 1849.

300 mil⁴. Os ganhos de produtividade no transporte exterior e na extracção explicam o assinalável hiato entre a expansão produtiva verificada e o nível de procura de trabalhadores iniciado por esta evolução demográfica. A partir de 1878, a Mason & Barry. Ltd, em competição directa com Rio Tinto, atingiu o patamar das 450 mil toneladas anuais, facto que correspondeu a um acréscimo de dois mil trabalhadores nos efectivos estacionados nas freguesias mineiras. A partir de 1890 e até o início do século XX, os arranques caem gradualmente até às 100 mil toneladas, como resultado da crise económica e da concorrência movida pelas minas norte-americanas. Durante este período, regista-se a saída de quase 5 dezenas de pessoas das freguesias mineiras, em média por ano.

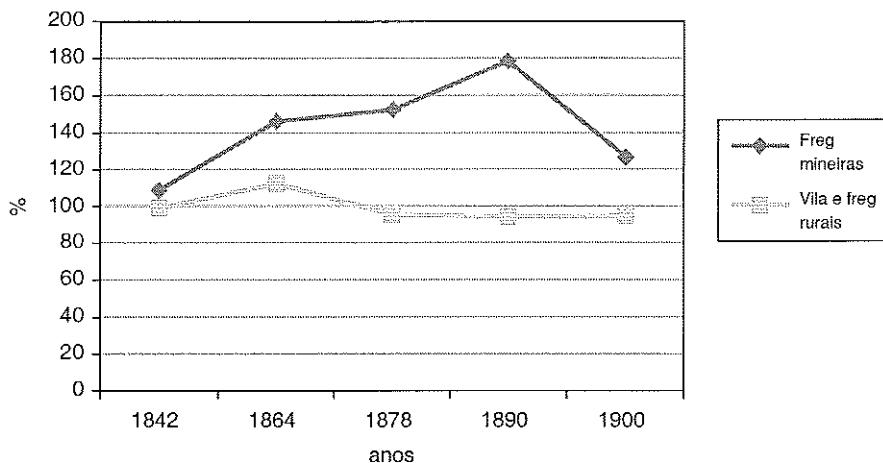
4 Os valores relativos à extracção mineira utilizados ao longo deste texto encontram-se em Guimarães (1989).

A recessão produtiva não encontrou uma resposta proporcional na mobilidade dos trabalhadores. Este facto indica uma clara deterioração no mercado de trabalho, dado que a oferta passou a exceder largamente a procura crescente e regular que, até à década de 1890, a companhia britânica proporcionava. A criação de laços de dependência imediata com a empresa, na qual a oferta de habitação desempenhou um papel fulcral, e mediata com o mercado de trabalho industrial e mineiro, constitui um factor explicativo para esta rigidez. Em que medida estas conjunturas económicas actuaram sobre o comportamento demográfico das populações mineiras? Responderiam elas, nos períodos em que o trabalho não faltava, com um maior número de casamentos e, por consequência, com um aumento da natalidade? Haverá alguma relação entre as crises de mortalidade e os períodos marcados pelas crises de trabalho?

A resposta a estas questões exige um reconhecimento prévio das características desta população. Salientaremos três aspectos «estruturantes» e indissociáveis deste povoamento mineiro, a saber: (1) a sua composição, indiciada pelas relações de masculinidade por grupos etários ao longo do período; (2) a oferta de alojamento; e (3) a mobilidade, o grau e a natureza do vínculo à economia mineira.

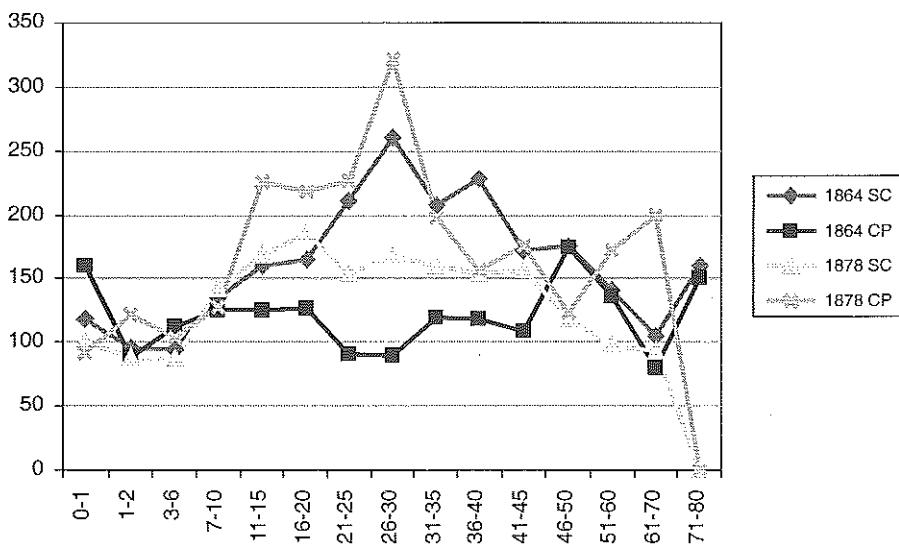
1. A população que se abate sobre o campo mineiro é sobretudo uma população masculina e jovem, em idade activa. O aumento da população dependente da economia mineira traduziu-se numa forte masculinização nas freguesias mineiras, enquanto nas restantes freguesias deu-se o processo inverso, embora mais esbatido (figura 1). Até 1890, quando os efectivos populacionais atingem o seu ponto mais alto, o número de homens para cada mulher é cada vez mais elevado, atingindo a relação de 1,7:1. Com a saída de pessoas essa relação cairá para 1,3:1 até finais do século, situação que se começa a aproximar duma comunidade estabilizada. Dir-se-ia que, perante aquela conjuntura de recessão económica, uma parte significativa da população flutuante desaparece.

A análise das relações de masculinidade por grupos de idade nas duas freguesias em 1864 e em 1878 revela globalmente um quadro familiar no meio mineiro (figura 2). Na primeira data, em Santana de Cambas (a freguesia onde inicialmente se registou a população estacionada junto à mina), o desequilíbrio é notório logo no grupo dos 7-10 anos. Entre os 15 e os 20 anos, a relação é de 16 rapazes para cada 10 raparigas. A partir dos 20 anos e até aos 40 anos, havia mais de 2 homens



FONTES: Censos da População portuguesa (anos respectivos).

FIGURA 1. *Relação de masculinidade nas freguesias mineiras e no concelho de Mértola (1842-1890)*



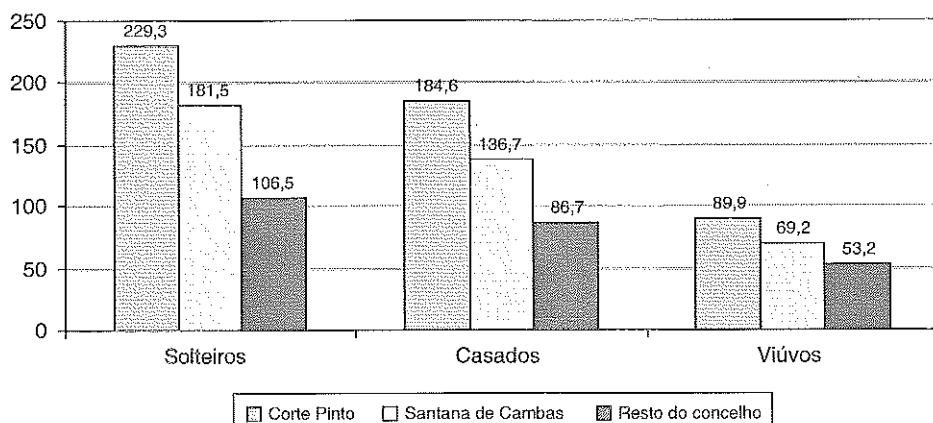
FONTES: Censos da População portuguesa (anos respectivos).

FIGURA 2. *Relações de masculinidade nas freguesias mineiras por grupos de idade, 1864 e 1878*

para cada mulher, registando-se a maior desproporção no grupo dos 26-30 anos ($>2,5:1$). Só na velhice, isto é, a partir dos 60 anos se atinge o equilíbrio. No caso da freguesia da Corte do Pinto, nessa data ainda à

margem da actividade mineira, esse desequilíbrio é muito menos acentuado durante a idade activa. Catorze anos mais tarde, em 1878, essa desproporção acentuou-se nas duas freguesias. Assim, a partir dos 10 anos, idade em que os rapazes começavam geralmente a participar nos trabalhos mineiros, o número de rapazes é muito superior ao das raparigas. Quando se chega à altura de casar, cada mulher de Santana de Cambas ou da Corte Pinto tinha à sua disposição, em média, 2,2 e 2,3 homens, respectivamente. Entre os 26 e os 30 anos, a desproporção atinge os 3,3 homens para cada mulher. Até aos 45 anos, o desequilíbrio entre os sexos mantém-se elevado ($> 1,7:1$ e $1,5:1$ em Santana e na Corte Pinto, respectivamente). Relativamente ao estado civil, o desequilíbrio é elevado tanto entre os solteiros como entre os casados, invertendo-se apenas ligeiramente no caso dos viúvos. A figura 3 mostra essa relação à escala concelhia de acordo com o Censo de 1890. Realçemos, a este respeito, a inversão que se dá, no grupo dos casados, entre as freguesias mineiras e as rurais, sintoma da coexistência de diferentes tipos de mobilidade.

A análise da relação de masculinidade invoca um conjunto de estereótipos destas «ilhas» industriais: são os rapazes que são levados para a mina pelo pai ou por um parente próximo, quando não vão por sua própria iniciativa; são os «malteses» e os trabalhadores imigrantes, cujo período de permanência na concessão era sempre incerto; são os trabalhadores da região que ficavam durante um contrato de trabalho na



FONTES: Portugal Censo de 1890.

FIGURA 3. *Relação de masculinidade nas freguesias mineiras e no resto do concelho de Mértola, 1890*

mina, voltando depois a casa; são, enfim, as casas de prostitutas com todas as consequências inerentes para a saúde pública. O forte desequilíbrio entre os sexos constitui, pois, um traço permanente deste povoamento até finais do período.

2. A permanente escassez de habitações constituiu o segundo traço estruturante deste povoamento e traduzia-se numa forte sobrelocação dos espaços habitados. Dezenas de homens acumulavam-se nas *casas da malta*, construídas pela empresa para albergar os ranchos de trabalhadores; as famílias empilhavam-se nos exíguos *quartéis* alugados pela empresa; e, sobretudo, a oferta era escassa para satisfazer a súbita procura. Como resultado, aumentou a pressão sobre os montes e aldeias vizinhas e surgiram novos aglomerados. Antigos *montes*, como Moreanes, Altos ou Sapos transformaram-se em autênticas aldeias (mapa 2). O número de habitantes por fogo, indicador que podemos retirar dos censos para este período, é demasiado grosseiro (tabela 3). Ele revela, ainda assim, um aumento na densidade de ocupação, depois de 1849. As freguesias mineiras registaram sempre valores superiores de ocupação relativamente às freguesias rurais, muito embora estes valores sejam idênticos aos que podemos encontrar um pouco por todo o Alentejo, neste período. As freguesias rurais do termo de Évora, por exemplo, tiveram uma evolução semelhante, registando 4,6 habitantes por fogo em 1900. Porém, devemos destacar que, no meio mineiro, a oferta de alojamento, nos terrenos da concessão, dependia da vontade do director da companhia inglesa. A excessiva concentração de trabalhadores foi considerada como uma das principais causas para a propagação de doenças infecto-contagiosas, como a gripe ou o paludismo, quando uma comissão de inquérito oficial visitou o campo mineiro para averiguar das causas da sua excessiva mortalidade (Sequeira-1883).

3. A mobilidade, quer sob a forma de movimentos pendulares diárias, quer sob a forma de residência sazonal ou durante alguns anos, constituiu um traço permanente da população mineira neste período. O

TABELA 3
Número de habitantes por fogo no concelho de Mértola (1849-1900)

Áreas do concelho	1849	1862	1864	1878	1890	1900
Santana de Cambas	4,0	4,0	4,8	4,1	4,4	4,2
Corte Pinto	3,7	4,7	4,2	3,9	4,3	4,1
Mértola (vila)	3,0	4,1	4,1	3,6	3,8	4,1
Freguesias rurais	3,6	3,7	4,1	3,5	3,6	3,8

FONTES: Portugal. Censos da População (anos respectivos); Estatística Paroquial de 1862 (*Chorografia Lusitana*).

censo de 1878 registou cerca de 524 «transeuntes» em Santana de Cambas, ou seja, migrantes temporários, que se instalavam em casas da malta. Muitos dos que residiam na mina mantinham apenas vínculos temporários à empresa. Os registos de nascimentos da Corte Pinto entre 1860 e 1866 revelaram que só 15% das mulheres tiveram mais de um filho naquela freguesia. Para os trabalhadores, São Domingos era apenas parte de um mercado de trabalho que se estendia a todas as minas da região. Outros alternavam entre o trabalho agrícola e os que a mina poderia oferecer em épocas de crise. Finalmente, encontramos ao longo do tempo um núcleo de pessoas que constituíram família e aqui se radicaram. Os registos de nascimento, de casamento e de óbito permitem-nos captar essa multiplicidade de situações individuais, que conduziram à formação da comunidade mineira. Traços de um universo comum que revelam as interacções dentro uma região mineira em desenvolvimento e a atracção exercida por este núcleo sobre o proletariado das regiões envolventes. O censo de 1890 revelava que 21,5% da população das freguesias em análise tinham nascido fora do concelho e os estrangeiros, quase todos espanhóis e ingleses, constituíam 2,4% do total (tabela 4).

Os diferentes tipos de mobilidade afectavam notoriamente a estrutura etária da população presente nas duas freguesias. O peso das crianças mostra-se bastante pequeno quando comparado com os valores médios para o país, no mesmo período (tabela 5). O grupo de idades de transição para a vida laboral plena (entre os 6 e os 15) tem um peso maior do que o anterior, varia de 15 a 25% neste período. No que respeita ao topo da pirâmide, o peso dos indivíduos com idade superior aos 45 anos de idade oscilou em valores que são duas vezes inferiores à média portuguesa, no mesmo período (cf. Evangelista-1971). Não é só a mortalidade mineira, como veremos, mas também o regresso às povoações de origem, as saídas forçadas por quem já não encontra trabalho

TABELA 4

Origem da população das freguesias mineiras e no resto do concelho de Mértola, 1890

Origem geográfica	Freguesias mineiras	Resto do concelho
Do concelho	5.717	76,2
De fora do concelho	432	5,8
De outros locais do país	1.179	15,7
Estrangeiros	176	2,4
Total	7.504	100
		11.339
		100

FONTE: Censo da População de Portugal de 1890.

aqui, que parecem explicar essas diferenças. O impacto demográfico do empreendimento não se circunscreveu às freguesias onde desenvolvia a actividade.

TABELA 5

Distribuição da população das freguesias de Santana de Cambas (SC) e da Corte Pinto (CP) por grupos de idade em 1864 e 1879

[valores absolutos e relativos]

Grupos de idade	SC 1864		SC 1878		CP 1864		CP 1878	
1-5	482	10,6	423	13,7	92	15,6	277	11,7
6-15	562	12,3	495	16,0	145	24,5	418	17,7
16-45	2.915	64,0	1.845	59,7	292	49,4	1.474	62,5
>45	599	13,1	328	10,6	62	10,5	191	8,1
Total	4.558	100,0	3.091	100,0	591	100,0	2.360	100,0

FONTES: Portugal. Censos da População (anos respectivos); Estatística Paroquial de 1862 (*Chorografia Lusitana*).

A FORMAÇÃO DOS NÚCLEOS FAMILIARES: OS CASAMENTOS

A série construída sobre um indicador tão grosseiro, como a taxa bruta de nupcialidade sobre as duas freguesias desde o arranque do empreendimento até finais do século XIX, revela variações que encontram uma estreita relação com a vida da exploração (tabela 6). Na primeira década atingem-se os valores médios mais elevados, caindo gradualmente até níveis bastante inferiores aos que se registam no distrito de Beja, porém, idênticos ao que encontramos no resto do Alentejo nos finais do século XIX (Beja, 8; Évora, 6; Portalegre, 6,1). A evolução é idêntica à registada em Rio Tinto, muito embora aqui os valores sejam bastante superiores. O peso da população migrante, que cria uma estrutura etária desequilibrada, poderá constituir, pelo menos em parte, um elemento explicativo para essas diferenças. Contudo, se o aumento do número de imigrantes entre 1871 e 1890 pode ser causa da diminuição da taxa de nupcialidade registada até 1890, a partir deste momento é a crise económica, responsável também pela saída de efectivos, que surge imediatamente ao nosso espírito como factor explicativo do abrandamento do ritmo das novas uniões. O cálculo da intensidade do matrimónio (definida pela relação entre os solteiros a partir dos 50 anos e o conjunto da população) dá-nos resultados elevadíssimos, sempre acima dos 99%, facto que pode ser atribuído à «distorção» da pirâmide etária

como resultado de movimentos de saída dos mais velhos⁵. A análise da idade de entrada no casamento e da frequência dos segundos casamentos em idade fértil é um indicador mais seguro da evolução do comportamento da população da freguesia, no que respeita à nupcialidade.

TABELA 6
Taxas brutas de nupcialidade em Rio Tinto e São Domingos, 1861-1900

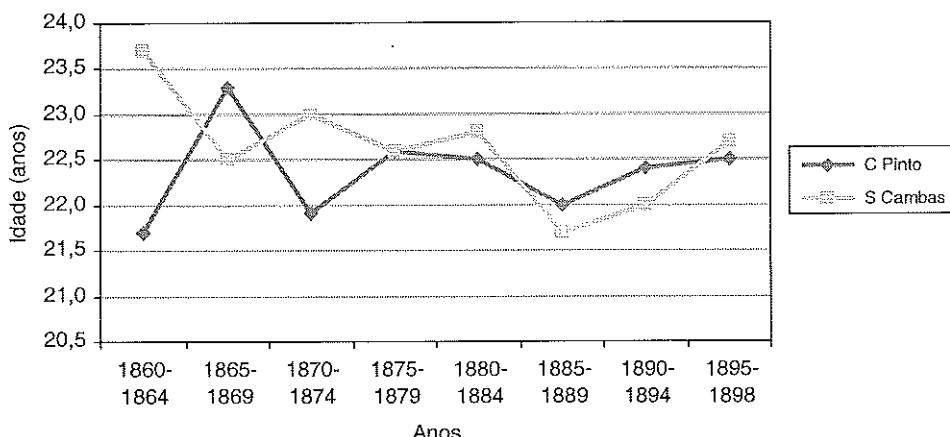
Médias	Rio Tinto	São Domingos	Alquife
1861-1870	n.d.	7,2	n.d.
1871-1880	8,1	6,4	n.d.
1881-1890	7,8	6,1	9,8
1891-1900	6,3	5,6	8,6
Geral	7,4	6,4	9,2

FONTES: Ferrero Blanco (1994); ADB/RP/CP/CA (1860-1900); ADB/RP/SC/CA (1860-1900); Cohen (1987:285); Ferrero Blanco (1994)

NOTA: Os valores para Rio Tinto foram elaborados sobre a série de 1873 a 1897. O índice para São Domingos foi feito com base na estimativa da população média presente entre os censos.

A idade média de entrada das mulheres na vida conjugal era muito baixa, oscilando entre 23,7 anos e 21,6 entre 1860 e 1900. É significativo o facto das linhas de evolução desse indicador serem dissemelhantes até ao início da década de 1870 (figura 4). No início da década de 1860, enquanto as mulheres da primitiva aldeia mineira casavam com pouco mais de 23,7 anos, na freguesia vizinha o casamento tinha lugar mais cedo. A inversão de posições verificada no final dessa década relaciona-se com a alteração no registo da população mineira para Corte Pinto. A diminuição da idade média do primeiro casamento das mulheres no início da década de 1870 coincide com a alteração do padrão de recrutamento de trabalhadores por parte da empresa, quando decide alterar o seu sistema de produção. Com o progressivo envolvimento de toda a população na economia mineira, as duas séries seguem o mesmo trajecto. O momento mais alto de expansão produtiva é acompanhado por uma acentuada descida na idade do matrimónio, por parte das mulheres. Em contrapartida, no final do século volta a registar-se um aumento até aos 22,5 anos.

5 O índice de matrimónio em 1868 e em 1878 para Santana de Cambas e Corte Pinto foi, respectivamente, de 99,6, 99,4, 99,0 e 99,5.

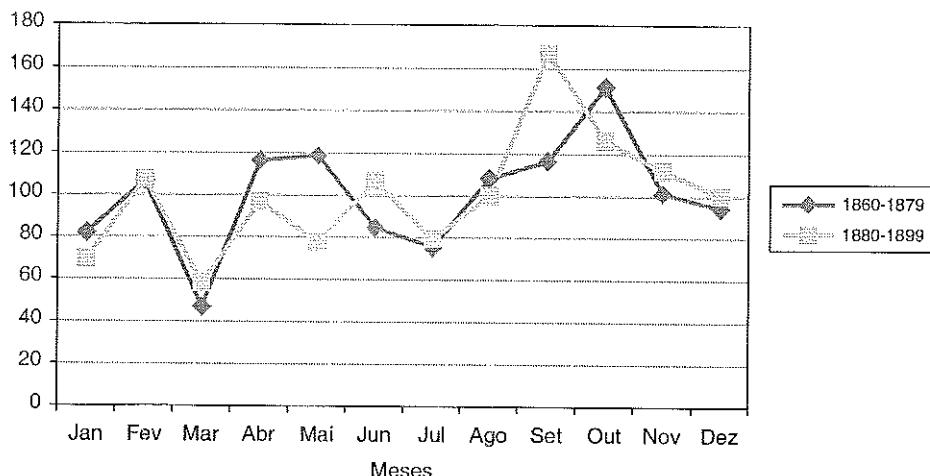


FONTES: ADB/RP/SC/CA (1860-1900), ADB/RP/CP/CA (1860-1900).

FIGURA 4. *Idade média do primeiro casamento das mulheres, freguesia de Corte Pinto e Santana de Cambas (1860-1900)*

A série construída para os homens revela uma evolução idêntica da curva ao longo deste período. Contudo, o casamento fazia-se muito mais tarde, oscilando a diferença de idades entre os 4,7 (1860-1869) e os 4,9 anos (1880-1889). A escassez de mulheres neste meio constituía, porventura, uma pressão no sentido do casamento precoce para elas e pode explicar a diferença média de idades entre os nubentes. No caso das mulheres, a morte do pai ou a sobrelocação das habitações constituíam boas razões para as jovens mulheres decidirem iniciar uma nova vida. A morte do homem deixava a casa livre para se constituir uma nova união, que garantiria o sustento do núcleo doméstico assim recomposto, sobretudo se não existissem irmãos solteiros mais velhos a trabalhar. Temos um indicador da possível relação entre a morte do pai e as novas uniões pois, a partir de 1880, o pároco de Santana de Cambas passou a registar «falecido» em vez da profissão dos pais dos nubentes. Sabemos, por isso, que em 40,6% do total dos casamentos realizados, um dos cônjuges tinha o pai já falecido. No caso das mulheres, esse valor é próximo da metade: 20,4%.

Vejamos agora a distribuição relativa dos casamentos pela idade dos nubentes (homens) na altura do primeiro casamento (tabela 7). Se atentarmos no grupo dos mais velhos a casar (32-40 anos), vemos que o seu peso diminuiu na conjuntura recessiva de final do século, enquanto aumenta o casamento no grupo dos 20-22 anos. Parece, assim, haver uma relação entre expansão produtiva, imigração e o aumento do peso



FONTES: ADB/RP/SC/CA (1860-1900), ADB/RP/CP/CA (1860-1900).

FIGURA 5. Sazonalidade dos casamentos, freguesias de Corte Pinto e Santana de Cambas (1860-1899)

dos casamentos nos homens entre os 32 e os 40 anos. Podemos pensar que a entrada na mina de trabalhadores solteiros em idade «avançada» nos momentos de expansão constituía uma oportunidade para os «malteses» constituírem novas uniões. O grupo dos 28-32 anos tende a declinar ao longo do período, acompanhando o crescimento no grupo dos jovens. Nos finais do século XIX, 79% dos homens casava entre os 20 e os 28 anos.

No caso das mulheres verifica-se um declínio progressivo das nubentes que casam depois dos 24 anos, representando no final do período 25%

TABELA 7

Distribuição do número de casamentos pela idade média no primeiro casamento dos homens nas freguesias da Corte Pinto e de Santana de Cambas (valores relativos)

Grupos de idade	1860-1869	1870-1879	1880-1889	1890-1899
[18-20[1,4	0,0	0,6	0,3
[20-24[17,0	18,9	18,8	26,5
[24-28[41,3	48,2	46,0	52,4
[28-32[28,0	22,1	21,1	13,6
[32-36[6,9	6,4	7,7	4,7
[36-40[5,5	4,3	5,8	2,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTES: ADB/RP/CP (1860-1890); ADB/RP/SC (1860-1890)

TABELA 8

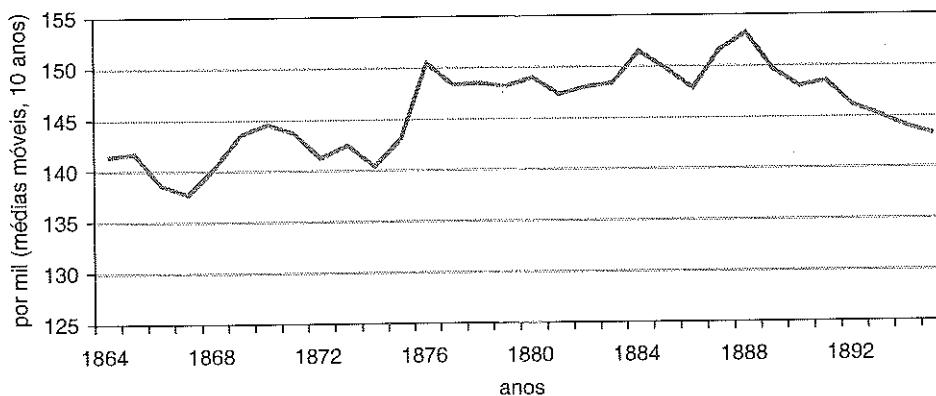
Distribuição do número de casamentos pela idade média do primeiro casamento das mulheres nas freguesias de Corte Pinto e Santana de Cambas (valores relativos).

Grupos de idade	1860-1869	1870-1879	1880-1889	1890-1899
[14-16[0,0	1,1	2,9	0,0
[16-18[30,8	30,9	30,6	24,6
[20-22[32,0	34,4	39,2	50,4
[24-26[25,3	23,8	18,2	19,9
[28-30[10,7	8,9	7,6	3,6
[31-40[1,2	1,1	1,6	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890)

dos casos (tabela 8). Até finais da década de 1880 verifica-se o crescimento dos casos de casamentos de adolescentes. Assim, ao terminar o século, 75% das mulheres de São Domingos já estavam casadas quando faziam 23 anos.

A distribuição dos matrimónios ao longo do ano é idêntica durante todo o período (figura 6). A maior parte realizava-se depois do dia de Santa Maria e prolongava-se até Outubro. Com a abundância de trabalho agrícola, que complementava o rendimento industrial e com os preços dos bens alimentares mais baixos, esta continuava a ser a melhor altura para as celebrações. Fevereiro e a Primavera (meses de Abril a Junho) constituíam os restantes momentos do ano preferidos.



FONTES: ADE/RP/SC/BA (1860-1900) e ADE/RP/CP/BA (1860-1900)

METODOLOGIA: ver texto.

FIGURA 6. Evolução da Taxa de Fecundidade Geral nas freguesias mineiras de Mértola, 1860-1890

Como resultado da morte do cônjuge, por acidente ou por doença ou, no caso das mulheres, devido às complicações dos partos, os segundos casamentos eram frequentes e realizavam-se geralmente no período fértil da mulher (tabela 9, coluna 2). Os viúvos estiveram presentes em cerca de 11,5% dos matrimónios e as viúvas em pouco menos de 9%. Para as viúvas, um novo o casamento era uma saída para a miséria, sobretudo se não tinham rapazes solteiros a trabalhar dentro de casa. Por isso, também a idade de entrada no segundo casamento era baixa para os dois sexos. A idade média dos homens que, em 1860-1869, se situava nos 35,3 anos, era no final do período de 37,6. As mulheres conheciam uma evolução semelhante, embora mais jovens do que eles, em média 3 anos. Assim, uma vez que esta economia doméstica deixara de estar vinculada ao acesso à terra, a morte do pai passava a constituir um elemento de pressão, mais do que uma oportunidade, para a constituição das novas uniões.

Durante todo o período, cerca de 60% dos segundos matrimónios das mulheres eram realizados antes que estas atingissem os 34 anos e, no caso dos homens, os 40 anos (tabela 10). Deste modo as uniões realizavam-se dentro duma banda de idades próxima, muito embora, no caso das mulheres entre 30 e os 38 anos casassem mais com homens mais jovens. Os casamentos de homens com idades acima dos 40 anos com mulheres jovens foram excepcionais e, em alguns casos, verificou tratar-se de mulheres com filhos de relações anteriores.

As mulheres que se mantinham solteiras depois dos 44 anos eram em número bastante inferior ao dos homens. Em 1864, nas freguesias de Corte Pinto e de Santana de Cambas, as solteiras com mais de 45 anos representavam apenas 5% e 3%, respectivamente, do número de mulheres férteis (grupo dos 16 aos 45 anos). Catorze anos depois essa

TABELA 9

Distribuição do número de casamentos pela idade média nos segundos casamentos (homens e mulheres) e seu peso relativo nas freguesias de Corte Pinto e de Santana de Cambas

Períodos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1860-1869	35,3	31,0	8,4	7,7	11,9
1870-1879	32,4	32,9	11,3	10,1	12,0
1880-1889	37,1	33,9	11,7	9,6	11,3
1890-1899	37,6	35,5	7,1	6,6	12,4

LEGENDA: (1) Idade média do segundo matrimónio (homens); (2) idem, mulheres; (3) percentagem de viúvas/solteiras nos casamentos realizados no ano; (4) percentagem de segundos matrimónios (mulheres); (5) idem, homens.

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890).

TABELA 10

Distribuição dos segundos matrimónios por sexos e por grupos etários dos nubentes (matriz)

Mulheres	Homens					
	Grupos de etários	[21-28[[28-36[[36-40[[40- [Total
[22-26[7	8	1	1	17	
[26-30[9	18	2	4	33	
[30-34[2	9	4	6	21	
[34-38[1	7	3	7	18	
[39- [1	5	2	24	32	
Total	20	47	12	42	121	

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890)

proporção era ainda mais baixa: 6 e 2%. Relativamente ao seu grupo etário, o celibato das mulheres acima dos 50 anos foi de 69 e 55 por 1000 em 1864, para essas duas freguesias⁶. Esse valor iria baixar em 1878 pois, nessa data, o celibato feminino acima dos 45 anos representava apenas 65,4 e 25,0 por 1000 habitantes em Santana de Cambas e em Corte Pinto.

TABELA 11

Profissão dos nubentes (homens) nas freguesias de Corte Pinto e Santana de Cambas, 1860-1899

Grupos sócio-profissionais	Corte Pinto	Santana de Cambas	
Comerciantes, proprietários	4	2,1	25
Profissões liberais	2	1,0	10
Empregados	12	6,2	10
Polícia, guardas	10	5,1	24
Artesãos e operários	41	21,0	132
Outros (sangrador, cozinheiro)	0	0,0	2
Rurais, seareiros	11	5,6	69
Trabalhador	115	59,0	475
Total	195	100,0	747
			100,0

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890)

NOTA: em 394 casos não foram assinaladas as profissões dos nubentes.

6 Proporção das mulheres solteiras>= 45 anos por cada 1000 mulheres nesse grupo etário. Sobre o método de cálculo veja-se Henry-1998: 19. A proporção relativamente ao conjunto da população é de 6,4 e 5,4 p.1000 para os homens em 1878 e de 3,3 e de 0,8 p. 1000 para as mulheres. Estes indicadores (celibato definitivo) representam valores extremamente baixos para a média do país no mesmo período, mas são consistentes com os valores apresentados por Rowland. O cálculo que fez para 1864-1899, mostrou valores muito baixos para o «celibato definitivo» (<9 por 1000) para os concelhos de Serpa, Moura, Barrancos e Mértola (Rowland-1997: 187) e, consequentemente, muito altos de «intensidade do matrimónio». Como veremos, estas são regiões de recrutamento de trabalhadores mineiros.

A posição social dos nubentes (homens) encontra-se explicitada na tabela 11, de acordo com a classificação que se pode obter a partir dos registos dos párocos. Neles se destaca o perfil próprio de um meio proletário, marcado pela presença de «trabalhadores», de operários e de artesãos⁷. Os seareiros, grupo que continuava ligado à agricultura, representava menos de 10% desta amostra. Os restantes grupos (comerciantes, proprietários, membros de profissões liberais, empregados na mina, guardas da mina e da alfândega) representavam apenas entre 14 e 9% nas duas freguesias⁸. No caso das mulheres, a omissão da profissão é frequente. São raras as «criadas de servir», tal como aquelas que aparecem referidas como «trabalhadora» ou «jornaleira», quase sempre indicando-se ser «governante de sua casa» ou «costureira» (cerca de 30% dos casos). A costura era, assim, uma actividade exercida frequentemente pela mulher até ao casamento, constituía uma indústria doméstica, certamente alimentada pelo grande número de homens sem família na concessão.

A posição social dos esposos das mulheres que casavam pela segunda vez é semelhante à dos restantes matrimónios. Em 69,6% dos casos o nubente era «trabalhador». Os seareiros constituíam 20,3% dos esposos e os artesãos 10,1%. Somente 2,8% dos casos (2) diziam respeito a «empregados na mina» e «proprietários»⁹.

Se considerarmos que as pessoas que casavam na freguesia eram aquelas que tinham ou tendiam a criar uma ligação mais forte ao meio, então análise da sua origem geográfica constitui um indicador da composição da nova comunidade. A laboração intensa e continuada conduziu à sua *estabilização*, como se pode perceber do confronto entre os dois

7 É escassa a utilização do termo «jornaleiro», parecendo preferir-se «trabalhador» para designar indistintamente os assalariados braçais que se empregavam quer na agricultura, na indústria ou nas obras públicas (construção de estradas). Também nas freguesias rurais de Évora assim sucede. Veja-se, a este respeito, o trabalho de Alice Mendonça (2000). Se é verdade que o vocábulo não pode ser atribuído ao trabalhador de indústria, o facto é que existia alternância (sazonal ou temporária) entre sectores, sempre que existisse procura mão-de-obra.

8 Este valor encontra-se ligeiramente subestimado na amostra, pelo simples facto de os grupos superiores serem constituídos por ingleses (cerca de uma centena de operários, empregados, técnicos e engenheiros) que, por terem outra confissão religiosa, estiveram ausentes em todos os registos da freguesia.

9 Em 69 casos (cerca de metade) não existe indicação da profissão do marido. Considerou-se na categoria de «artesão»: os serralheiros, os alfaiates, os ferreiros, os fundidores, os moleiros, os pedreiros e os sapateiros.

TABELA 12

Naturalidade dos nubentes (homens) das freguesias mineiras de Mértola por áreas geográficas, 1860-1879

Freguesia de casamento	Corte Pinto	Santana de Cambas		
Região geográfica				
<i>Da freguesia de residência</i>				
Santana de Cambas	7	10,9	108	55,1
Corte Pinto	20	31,3	—	
<i>De outras freguesias de Mértola</i>				
Espírito Santo	-		14	7,1
Outras freguesias	8	12,5	25	12,8
<i>Dos concelhos da margem esquerda do Guadiana a norte da mina de São Domingos</i>				
Serpa e Moura	10	15,6	11	5,6
<i>Da região serrana a ocidente</i>				
Almodôvar, Castro Verde	4	6,3	4	2,0
<i>Alentejo (outros concelhos):</i>				
Beja, Ferreira, Vidigueira, Viana	1	1,6	10	5,1
Algarve	6	9,4	19	9,7
Portugal (Outros locais)	2	3,1	2	1,0
<i>De Espanha</i>				
Huelva e Sevilha	4	6,3	1	0,5
Espanha (outras regiões)	1	1,6	1	0,5
Desconhecida (não indicada)	1	1,6	1	0,5
<i>Total</i>	64	100,0	196	100,0

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890)

períodos considerados (1860-1879 e 1880 e 1889). No primeiro período, apenas metade dos homens tinha nascido nas freguesias mineiras (tabela 12). Entre os que eram do concelho, uma parte importante tinha origem nos montes e povoações pobres, que ficavam para sul nas margens do Guadiana e daí o peso da freguesia do Espírito Santo. Os montes e aldeias das regiões serranas e pobres a ocidente, área que se estende de Mértola até Almodôvar, constituíam outra zona de recrutamento. Daí também o papel da serra algarvia e das terras à beira do Guadiana até Vila Real de Santo António, passando por Alcoutim. Igualmente importantes foram as terras a norte de Corte Pinto, nos concelhos de Serpa e de Moura. De Espanha pontuam terras de fronteira, no Huelva, igualmente marcadas pela actividade mineira: o Alosno, Puebla de Gusmán ou El Granado.

Nas duas últimas décadas do século XX verificou-se um aumento do peso dos jovens nascidos nas freguesias mineiras, enfim, aumentou a «endogamia» no interior das duas freguesias. As áreas de recrutamen-

to continuaram a ser idênticas, muito embora se registasse uma diminuição do número de imigrantes, em particular oriundos de Espanha.

TABELA 13

Naturalidade dos nubentes (homens) das freguesias mineiras de Mértola por áreas geográficas, 1880-1899

Freguesia de casamento	Corte Pinto	Santana de Cambas		
Região geográfica				
<i>Da freguesia de residência</i>				
Santana de Cambas	32	8,4	388	58,2
Corte Pinto	125	33,0	11	1,6
Montes, povoados mineiros	5	1,3	49	7,3
<i>De outras freguesias de Mértola</i>				
Espírito Santo	9	2,4	26	3,9
Outras freguesias	49	12,9	75	11,2
<i>Dos concelhos da margem esquerda do Guadiana a norte da mina de São Domingos</i>				
Serpa e Moura	43	11,3	15	2,2
<i>Da região serrana a ocidente</i>				
Almodôvar, Castro Verde	15	4,0	25	3,7
Alentejo (outros concelhos): Beja, Ferreira, Vidigueira, Viana	12	3,2	0	0,0
Algarve	45	11,9	58	8,7
Portugal (outros locais)	11	2,9	5	0,7
<i>De Espanha</i>				
Huelva e Sevilha	14	3,7	3	0,4
Outros locais	6	1,6	1	0,1
Ignora-se	13	3,4	11	1,6
<i>Total</i>	379	100,0	667	100,0

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890).

No caso das mulheres regista-se uma mobilidade muito menor. Durante todo o período, 46,1% e 71,3% das mulheres de Corte Pinto e de Santana da Cambas casaram na terra onde tinham nascido. As regiões de recrutamento foram as mesmas que encontrámos para os homens, sinal de que estamos perante movimentos de grupos familiares e não apenas de indivíduos isolados. Uma análise detalhada mostrou-nos que o casamento entre pessoas de origem diferente e, em especial, com gente das duas freguesias foi importante, apesar da preferência dada em todos os grupos às pessoas da mesma origem. Houve, porém, algumas excepções. No caso dos homens e mulheres originários do Huelva (Paimogo, Alosno, Puebla, Cabeza Rubia, etc.) e que casaram nestas duas freguesias, por exemplo, escolheram quase sempre parceiros naturais de Corte Pinto e de Santana de Cambas.

TABELA 14

Naturalidade dos nubentes (mulheres) das freguesias mineiras de Mértola por áreas geográficas, 1860-1899

Freguesia de casamento	Corte Pinto		Santana de Cambas	
Região geográfica				
Das freguesias de naturalidade:				
Corte Pinto	205	46,1	9	1,0
Santana de Cambas	34	7,6	637	71,3
Montes, povoados mineiros	5	1,1	67	7,5
Do concelho de Mértola:				
Espírito Santo	6	1,3	15	1,7
Outras freguesias	27	6,1	42	4,7
De Serpa e Moura	63	14,2	27	3,0
De Almodôvar, Castro Verde, Aljustrel	10	2,2	20	2,2
Do resto do Alentejo: Beja, Ferreira, Vidiúeira, Viana	12	2,7	1	0,1
Do Algarve	35	7,9	40	4,5
De Portugal (outros locais)	5	1,1	1	0,1
De Espanha: Huelva e Sevilha	27	6,1	10	1,1
Outros locais	1	0,2	2	0,2
Ignora-se	15	3,4	22	2,5
Total	445	100,0	893	100,0

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890).

Vejamos, finalmente, a origem social dos nubentes indiciada pelo registo da profissão ou da posição social dos seus pais (tabela 15). A matriz construída para a profissão do pai do noivo e do pai da noiva oferece-nos uma leitura rápida da mobilidade social em diacronia, bem como a quantidade de uniões dentro de cada «classe» sócio-profissional. Infelizmente, o número de casos sem qualquer referência é bastante elevado (62,3% do total). De qualquer forma é possível perceber que, na grande maioria dos casos, as pessoas casavam dentro do grupo. Excepcionalmente nos grupos próximos. Assim, por exemplo, os 163 homens, cujos pais eram trabalhadores, tiveram por sogros preferenciais os do seu próprio grupo (78), sendo os restantes quase todos seareiros (45) ou artesãos (18). No caso das filhas de trabalhadores, a situação é semelhante, com a exceção do peso dos «falecidos» ser bastante maior. Quanto aos seareiros e aos artesãos, refira-se o peso das associações dos seus filhos com «trabalhadores», sinal duma mobilidade descendente, apesar de tudo.

Se confrontarmos a posição social do nubente com a do seu pai, temos uma visão mais clara do processo de proletarização, que em muito precedeu e se desenvolveu com a indústria mineira (tabela 16). A maior

parte dos lavradores viram os seus filhos, na altura de casar, definidos como seareiros ou trabalhadores. No que respeita aos seareiros, 60% dos seus filhos apareceram como trabalhadores e 17,6% como artesãos. No que respeita a estes últimos, apesar do nível de reprodução social no mesmo patamar ser mais elevado, 32,5% dos seus filhos apareceram como trabalhadores na altura do casamento. Na base da escala, as possibilidades de ascensão eram deveras limitadas: entre os trabalhadores somente 8,3% ascendeu à categoria de seareiro, 2,8% à de guarda da mina (se é que este tinha um estatuto superior!) e 1,4% à de empregado da mina. Um único caso foi registado como verdadeira ascensão social. Mesmo colocando de parte os factores de concentração fundiária, inerentes ao desenvolvimento duma economia livre de mercado, a simples multiplicação dos filhos durante duas gerações explica, por via do sistema de partilhas numa região em que os solos eram muito pobres, o circuito lavrador → seareiro → trabalhador. Parece-nos claro, neste processo, que a proletarização foi um fenómeno que, nesta região, precedeu e se desenvolveu ao longo deste período. Está fora das nossas possibilidades actuais avaliar o impacto da moderna mineração neste processo, quer por via das expropriações, da poluição do ar e dos cursos de água, quer através dos salários relativamente elevados, que praticava. Vemos, porém, como a procura regular de trabalho assalariado conduziu à formação duma comunidade com um comportamento demográfico distinto.

TABELA 15

Profissões dos pais dos nubentes de Santana de Cambas e Corte Pinto, 1860-1900 (matriz)

[valores absolutos]

Homem Mulher	PLNT	EP	AO	SE	TRAB	OU	FA	PI	NR	TTI
PLNT	9	—	3	4	1	—	1	—	4	22
EP	—	—	—	—	2	—	—	—	2	4
AO	4	1	9	18	11	—	2	—	16	61
SE	7	1	8	45	19	1	14	—	26	121
MGP	2	—	1	3	5	—	—	—	4	15
TRAB	4	1	8	25	78	1	31	—	30	178
OU	—	—	—	—	—	2	—	—	—	2
FA	2	5	15	—	31	2	38	93	—	—
NR	3	—	6	13	32	—	50	1	723	828
Total	29	3	87	113	163	4	129	3	843	1.324

LEGENDA: PLNT. Proprietário, lavrador, negociante, tendeiro; EP. Empregados, professor; AO. Artesãos, operários; SE. Seareiro; MGP. Maioral, ganadeiro, pastor (Incluiu-se 7 jornaleiros); TRAB. Trabalhador; OU. Outros; FA. Falecido; PI. Pai(s) incógnito(s); NR. Não referida, ignora-se; TT. Total

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890).

TABELA 16

Profissão do nubente (homem) e do seu pai, declarada no acto de casamento (freguesias de Santana de Cambas e de Corte Pinto, 1860-1900)

[valores relativos]

Profissão do pai Profissão do nubente	PLC	LIB	EMP	AO	MA	SE	OU	TRAB	FA	NR.
PLC.	27,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,9	2,4
LIB	4,5	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8
EMP	4,5	0,0	50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,4	2,7	4,8
AO	9,1	50,0	50,0	64,5	0,0	17,6	0,0	8,3	15,0	19,4
POL	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,9	0,0	2,8	5,3	4,0
SE	22,7	0,0	0,0	0,0	14,3	14,7	0,0	0,7	5,3	6,6
OU	0,0	0,0	0,0	3,2	14,3	3,9	0,0	2,1	0,9	1,0
TRAB	31,8	0,0	0,0	32,3	71,4	58,8	100,0	84,1	69,9	61,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

LEGENDA: PLC. Proprietários, lavradores e comerciantes; LIB. Profissões liberais; EMP. Empregados; AO. Artesãos e operários; MA. Maioral; POL. Polícia, guarda, exército, igreja; SE. Seareiro; OU. Outros grupos inferiores; FA. Falecido; NR. Não referida, ignora-se.

NOTA: 3 trabalhadores eram filhos de pais incógnitos.

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890)

A PRODUTIVIDADE DOS VENTRES: OS NASCIMENTOS

O casamento das mulheres, em idade muito jovem, nas freguesias mineiras de Mértola levou-nos a pensar que iríamos encontrar uma natalidade elevada. No Huelva, na mina de Rio Tinto, as taxas médias anuais passaram dos 29,3 nascimentos por mil habitantes, no início da década de 1870, para os 46 por mil na década seguinte (tabela 17). Até finais do século, esse indicador manteve-se acima dos 42 por mil. No caso das minas do Alquife, registou-se uma tendência para a descida, porém, mais acentuada do que na grande mina do Huelva. Aqui passou-se dos 41,2 nascimentos por mil habitantes, na década de 1880, para os 27 por mil nos finais do século XIX. Em São Domingos os valores deste índice foram mais baixos. O declínio da taxa bruta de natalidade foi contínuo desde o início da década de 1860, passou dos 43 nascimentos por mil habitantes para os 25 por mil na década de 1890. Desde a segunda metade da década de 1860 que estes valores apontam para um dos índices mais baixos do país (Cf. Evangelista-1971:41; Bandeira-1996:447). Dir-se-ia, pois, que o desenvolvimento mineiro se traduziria por um contínuo declínio da natalidade. De facto, dada a importância «estrutural» da mobilidade nas comunidades mineiras, o valor comparativo dos dife-

rentes índices fica seriamente comprometido. No caso de São Domingos, o contínuo afluxo de população masculina em idade activa e a retirada da concessão nos últimos anos de vida perturba os resultados. A flagrante distorção da pirâmide etária, com uma contracção acentuada da população com menos de 6 anos e com mais de 45 anos, por um lado, e com um elevado desequilíbrio sexual, precisamente nas idades de reprodução, por outro, torna questionável o significado de tal indicador. Se é verdade que o comportamento de populações mineiras geograficamente tão próximas «deveria» aproximar-se, tanto mais tendo características técnicas e organizacionais semelhantes e sofrendo das mesmas conjunturas económicas mundiais (porque exploravam o mesmo tipo de minério e produziam os mesmos produtos para a indústria), então esse indicador traduz, principalmente, o peso das «distorções», resultantes da sua própria estrutura etária e sexual. Se assim é, o declínio da natalidade poderá ser apenas aparente e resultar apenas do peso «morto» da imigração temporária nos efectivos. Este depende, sobretudo, da fase de desenvolvimento (arranque, maturidade, crise, recessão ou declínio) de cada uma das explorações em confronto.

TABELA 17

Evolução das taxas brutas de natalidade (médias anuais nos períodos) nas minas de São Domingos, Alquife e Rio Tinto (faixa pirítica ibérica), 1860-1899

Quinquénios	São domingos	Alquife	Rio Tinto
1860-1865	43	n.d.	n.d.
1866-1870	31	n.d.	n.d.
1871-1875	29	n.d.	29,3
1876-1880	30	41,2	37,9
1881-1885	29	41,2	46,0
1886-1890	26	38,3	42,3
1891-1895	25	38,3	44,9
1896-1899	25	27,0	42,3

FONTES: ADB/RP/CP/CA (1860-1890); ADB/RP/SC/CA (1860-1890); Cohen (1987); Ferrero Blanco (1994).

LEGENDA: n.d. valores não disponíveis.

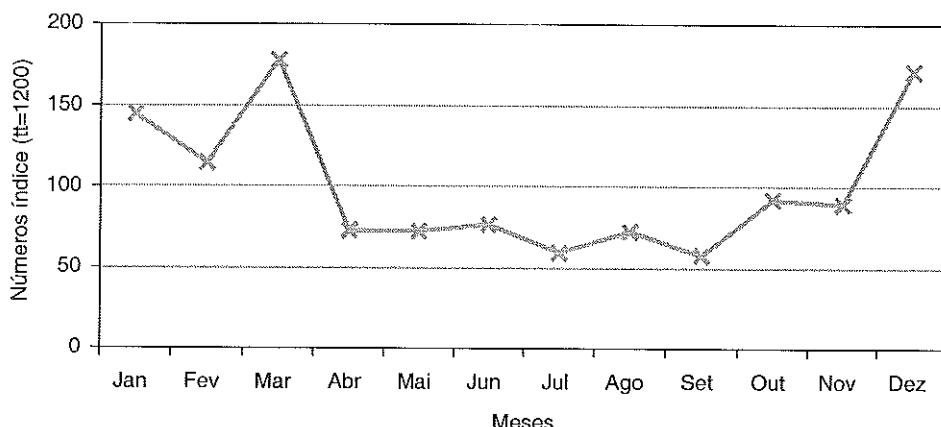
Deste modo, a relação entre o número de nascimentos e o «stock» de mulheres em idade fértil constitui um indicador mais fiável para medir a produtividade dos ventres no meio mineiro¹⁰. Para buscarmos uma

10 O registo de nascimentos não parece sofrer de problemas de maior. A relação de masculinidade nos registos de nascimento na freguesia de Corte Pinto, por exemplo, é de 118 meninos para 100 meninas para os anos de 1860-1866, 1870 e 1890, indicando

tendência, eliminámos as variações anuais bruscas de partos, através da construção duma série de médias móveis (10 anos), dividindo-a pelas mulheres existentes com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos. A estimativa das mulheres em idade fértil presentes nas duas freguesias, em cada ano entre 1860 e 1899, foi feita pelo cálculo do crescimento médio anual entre os censos de 1864 e de 1878, os únicos que dispõem dessa informação para o período. Para os anos anteriores a 1864 e posteriores a 1878, aplicou-se a taxa de crescimento estimada a partir do saldo fisiológico acumulado. A figura 7 mostra o resultado: a fecundidade aumenta até finais da década de 1880 e, a partir daí, sofre um declínio rápido até níveis próximos dos registados no início da década de 1860. Os melhores períodos são alcançados entre 1876 e 1888, fase que corresponde à diminuição da idade média do primeiro casamento das mulheres e também ao período de maior intensidade produtiva na extracção mineira. No conjunto, os valores apresentam-se bastante elevados (geralmente acima dos 150 por mil) e são comparáveis aos apresentados por Cohen para o Alquife, nos finais do século (Cohen-1987:289). Fica-nos, assim, a suspeição de que a idade de entrada da mulher no casamento fosse, nas classes mais jovens, mais cedo do que a registada.

A maioria dos nascimentos ocorria no Inverno, entre os meses de Dezembro e Março e o período quente da Primavera e do Verão, de Maio a Setembro, foi aquele que registava menos partos. Tal distribuição (com

um ligeiro subregisto de raparigas. A razão desse facto pode ser explicada, sobretudo, pela diferença no tempo de registo dos dois sexos. Como havia a tendência para registrar os meninos mais cedo, por vezes sucedia que a morte de uma criança poucos dias ou horas depois do parto acabasse por não ser registada. Muitas vezes as crianças não recebiam dos pais um nome sequer e era o próprio pároco que, na altura do registo, dava um nome à «criatura». Uma simples análise da diferença entre a data de nascimento e a data de registo de nascimento pelo pároco mostra que havia mais meninos registados durante o primeiro mês de vida, enquanto no segundo mês foram registadas mais meninas (ver tabela 23 em anexo). A partir dessa altura eram também registados mais rapazes. Tudo aponta, pois, para que se desse mais importância ao registo dos meninos, um factor que importará medir também para uma avaliação mais correcta dos níveis de mortalidade infantil. Contudo, se fizermos fé nos valores publicados por Henry (1988:47), a diferença entre os nascimentos reais e os efectivamente registados não será muito elevada. De acordo aquele autor, os limites de confiança na relação de masculinidade dos nascimentos para um valor verdadeiro de 105 e para 100 nascimentos é de 86 a 128,5. Para 400 nascimentos são de 95 e 116. Temos assim que, para 214 nascimentos, o intervalo de confiança andará próximo dos 91 e 122,3 respectivamente, ou seja, 1 ponto acima apenas do que foi registado aqui.



FONTES: ADE/RP/CP/BA (1860-1890)

FIGURA 7. Sazonalidade dos nascimentos na freguesia de Corte Pinto (1860-1890)

a concentração das concepções entre Março a Junho) apresenta algumas diferenças relativamente às apresentadas por Cohen, para os municípios de Zenete durante este período. Aqui as variações tiveram menor amplitude e o momento mais alto das concepções ocorreu no Verão e no início do Outono (Cohen-1987: 327-331).

A quantidade de filhos «naturais» era também elevada em São Domingos. O registo de casamentos relevou a presença de 37 filhos de pais incógnitos, o que equivale à presença de 27,7 ilegítimos por cada mil cônjuges. A análise feita para a freguesia de Corte Pinto nos anos de 1860-1866, 1870 e 1890 mostrou a presença de 22 «filhos naturais» para 187 legítimos, o que nos dá o valor extraordinário de 117,6 por mil, um valor próximo dos máximos registados pelas *Estatísticas Demográficas* nos finais do século XIX para os distritos portugueses (cf. Bandeira-1906:301). A situação explica-se pelo facto de existirem numerosas uniões de facto, pois, na grande maioria destes casos, aparece o nome do pai e o da mãe no registo da criança. A frequência das uniões de facto, que tínhamos já verificado no meio mineiro, neste e outros contextos do sul do país para épocas posteriores, não indica um acto de descrença, mas resulta simplesmente das difíceis condições de vida deste proletariado. O casamento exigia cerimoniais que envolviam gastos elevados e que, por isso, acabavam muitas vezes por não se realizar. O simples «ajuntamento» era respeitado pela comunidade. Muitas vezes a situação era regularizada mais tarde face à Igreja e ao Estado. Assim, o número de crianças filhas de «pai

«incógnito» foi apenas 4 naquele período, o que nos dá um índice de 14,4 ilegítimos para cada mil crianças registadas pelos dois pais. Este é um valor próximo ao que encontramos naquele período para o distrito de Évora e que pode ser considerado baixo, quando comparado com os apresentados pelos meios industriais em Portugal nos finais de Oitocentos (cf. Bandeira-1996:322).

MORRER EM SÃO DOMINGOS: A MORTALIDADE E OS SEUS CICLOS

Tem sido notado, como consequência do desenvolvimento da actividade mineira, que os níveis de mortalidade tenderam a elevar-se. Essa elevação resultou não tanto das condições de trabalho e dos níveis de vida dos adultos como, principalmente, da elevação da mortalidade infantil, a qual continuou a pesar decisivamente nos valores globais. Ou, se quisermos, a mortalidade infantil reflectia a degradação do estado sanitário da população, enfim, a sua debilidade. Os valores publicados tanto para Rio Tinto como para o Alquife apontam nesse sentido (tabela 18). Assim, a mortalidade (TBM média anual) passou, no primeiro caso, dos 33,5 por mil para os 44,2; e, no segundo, dos 37,2 por mil para os 39,9 por mil. Este cenário, que desafia as visões optimistas sobre os processos de industrialização, parece ser contrariado na mina da raia alentejana. Aqui os valores caem de 35,9 para 18,9 por mil, um valor inferior à média nacional e à do próprio distrito (Morais-2002:36-49). A possibilidade que aponta para uma situação de um nível superior bem-estar em São Domingos, porém, é contrária à existência dum mercado de trabalho livre. As práticas contratuais da companhia sempre per-

TABELA 18

Evolução da mortalidade nas minas de São Domingos, Alquife e Rio Tinto (1861-1900)

[TBM. Valores médios anuais por 1000 habitantes]

Decénios	São Domingos	Rio Tinto	Alquife
1861-1870	35,9	n.d.	n.d.
1871-1880	22,2	33,5	37,2
1881-1890	21,8	39,4	37,9
1891-1900	18,9	44,2	39,9
Geral	24,9	38,7	38,3

FONTES: ADB/RP/CP/OB (1861-1900) e ADB/RP/SC/OB (1861-1900); Cohen (1987:285); Ferrero Blanco (1994).

mitiram a entrada de gente de fora e os seus salários não deixavam de ser aferidos pelos que eram praticados no meio¹¹.

Uma análise dos registos de óbitos realizada para as duas freguesias revelou que mais de metade dos defuntos eram crianças com menos de 7 anos, situação bem mais grave da que se pode encontrar no Alentejo do Antigo Regime, mas que se aproxima da que Cohen encontrou em Zenete (Borges-1996:57; Cohen-1987:347, cf. tabela 19).

TABELA 19

Distribuição dos óbitos pelo seu estado civil, freguesias de Corte Pinto (1860-1878) e de Santana de Cambas (1869-1870, 1875 e 1890)

[valores absolutos e relativos]

	Homens		Mulheres		Total
Menores	581	50,0	500	57,4	1081
Solteiros	218	18,8	71	8,2	289
Casados	273	23,5	178	20,4	451
Viúvos	90	7,7	122	14,0	213
Total	1.162	100,0	871	100,0	2.033

FONTE: ADB/RP/CP/OB (anos referidos)

NOTA: o número de defuntos, em que não foi registado o estado civil, foi distribuído proporcionalmente pelas classes. Os valores apresentados foram arredondados à unidade.

Uma análise mais fina da população em idade laboral revela, por outro lado, que as condições de trabalho mineiro afectam fortemente a mortalidade entre os adultos (tabela 20). É patente a desproporção na mortalidade entre homens e mulheres até aos 30 anos. O elevado número de jovens falecidos «inflaciona» a mortalidade na população entre os 15 e os 24 anos. A sinistralidade constituiu, sem dúvida, um factor de peso, que afectou muito os jovens inexperientes (facto que dava alguma razão aos inspectores de minas, quando referiam que era a «imprevidência» e a afoiteza dos operários a causa de muitas das mortes na mina). Contudo, o seu impacto na reprodução geral terá sido limitado devido, precisamente, ao excesso de homens entre os grupos jovens. Entre as mulheres casadas, por seu turno, verifica-se um incremento na mortalidade do grupo dos 20-24 anos, que estará certamente associado

11 Poderíamos também pensar que, uma vez que a mortalidade afectava toda a população presente, as distorções resultantes da estrutura da população tiveram um impacto menor na mortalidade. No entanto, como a morte afectava sobretudo as crianças até aos 5 anos, estes valores encontram-se igualmente distorcidos.

TABELA 20

Distribuição dos falecidos com mais de 14 anos pelo seu estado civil e sexo nas freguesias de Corte Pinto (1860-1878) e de Santana de Cambas (1869-1870, 1875 e 1890)

[valores absolutos e relativos]

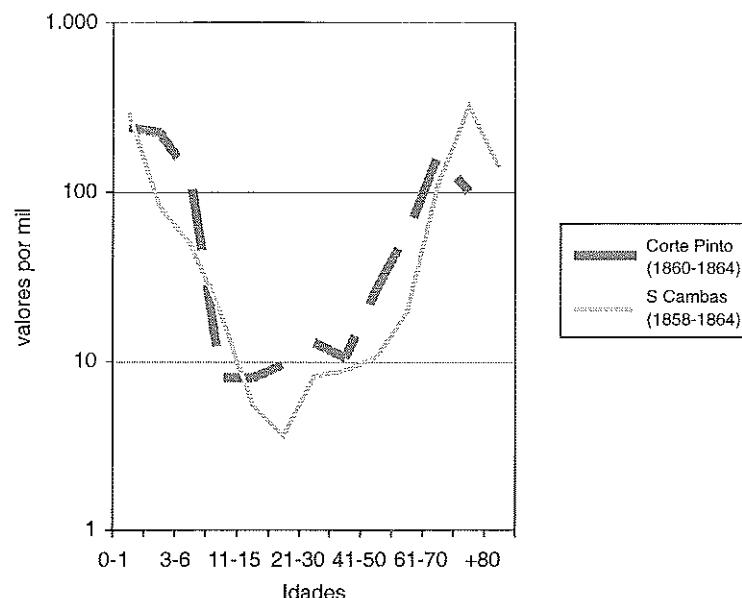
Idades	Mulheres		Homens		Total	
15-19	23	7,8	49	10,6	72	9,5
20-24	23	7,8	57	12,3	80	10,6
25-29	20	6,8	37	8,0	57	7,5
30-34	29	9,9	45	9,7	74	9,8
35 e mais	199	67,7	276	59,5	475	62,7
Total	294	100,0	464	100,0	758	100,0

FONTE: ADB/RP/CP/OB (anos referidos)

aos primeiros partos. O segundo incremento, no grupo dos 30 anos, acompanha a evolução da mortalidade masculina e não encontra outra explicação a não ser no estado da própria população.

A sinistralidade laboral começou a pesar bastante na vida da exploração no arranque da sua segunda fase, quando a empresa abriu a corta e começou a recrutar massivamente gente da região. Até então, dois factores limitaram o peso da mortalidade no interior da mina: em primeiro lugar, as características do jazigo e do seu minério, uma massa compacta e dura que poucos trabalhos de entivação exigiam, praticamente eliminando as mortes massivas, presentes noutras contextos (como as minas de carvão) onde, aos riscos de explosão se juntam os perigos de desabamento; em segundo lugar, a eficácia da supervisão das próprias autoridades, meticolosas no cumprimento do plano de lavra estabelecido com o governo e na exigência de condições técnicas de segurança. Disso mesmo se queixava o próprio director Mason, quando quis alterar o plano estabelecido inicialmente para aumentar os ritmos de extração e alterar o padrão de recrutamento, em consequência da diferente natureza dos trabalhos que iriam ser feitos. Finalmente, devemos ainda recordar que, na primeira fase da mina, uma parte importante do recrutamento foi feito no meio mineiro e com trabalhadores experimentados, que tinham vindo das minas espanholas. A distribuição da mortalidade por idades nesta fase da exploração nas freguesias de Santana de Cambas (onde a maior parte dos óbitos dos mineiros eram registados nesta altura) e de Corte Pinto revela comportamentos diferenciados favoráveis à população industrial (figura 8).

A evolução da mortalidade da população feminina das duas freguesias, na primeira fase da exploração, aponta para uma mortalida-

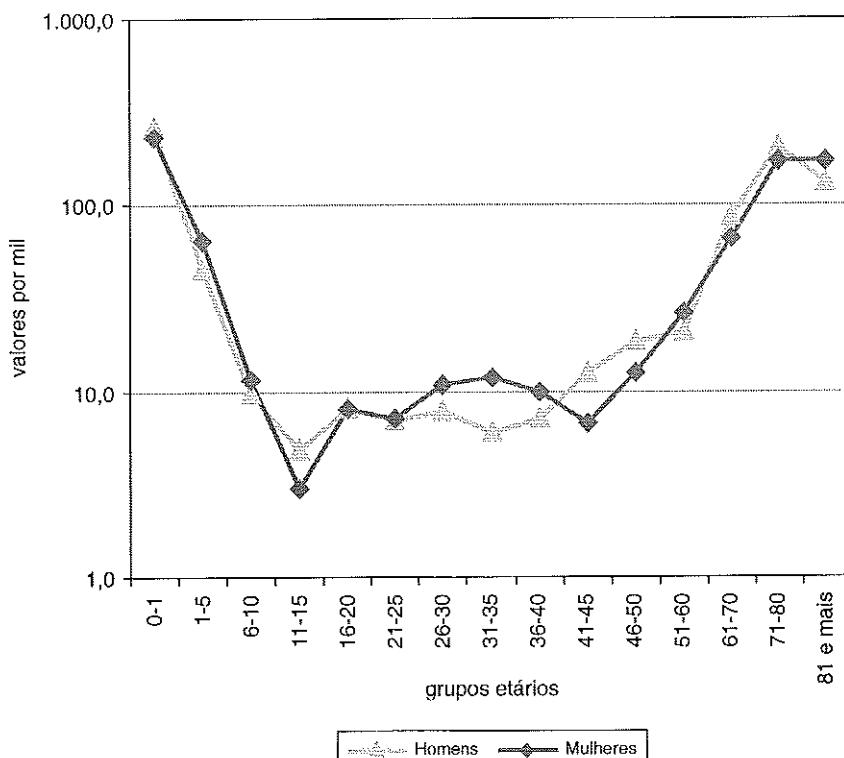


FONTES: ADE/RP/CP/OB (1860-1864); ADE/RP/SC/OB (1858-1864)

FIGURA 8. Mortalidade por idades nas freguesias de Corte Pinto (1860-1864) e Santana de Cambas (1858-1864)

de mais elevada da que tinham os homens entre os 26 e os 40 anos. Essa relação inverte-se entre os 41 e os 50 anos (figura 9). O confronto entre a mortalidade masculina na 1^a fase da lavra (1860-1869) e na 2^a (1870-1878) mostra diferenças substanciais. A mortalidade aumenta entre os homens do grupo dos 16 aos 25 anos e dos 31 aos 45, ou seja, praticamente durante todo o período de vida laboral (figura 10). Assim, tudo aponta para que as condições de trabalho se tivessem agravado¹². Não parece haver dúvidas que, durante a segunda metade de Oito-

12 Durante anos, o pároco de Santana, por qualquer razão, não registou as idades dos óbitos ocorridos no hospital da mina. Por isso, distribuímos os 27 registos de idade desconhecida proporcionalmente pelo conjunto da população entre os 15 e os 60 anos. Contudo, é provável que muitos dos sinistrados acabassem por não ser registados nas freguesias, quer porque eram enviados para Lisboa, quer porque os seus corpos podiam seguir para a sua terra natal, muitas vezes próxima da mina. Seja como for, o número de falecidos, por acidente na mina, registados pela inspecção do Estado em alguns anos foram superiores aos que nós próprios encontrámos. Em 1872 e 1873, por exemplo, Sequeira regista 10 e 14 mortos, quando o número de rapazes com mais de 14 anos e de homens falecidos, que os párocos registaram nas freguesias mineiras, foi de 7 e 9, respectivamente.

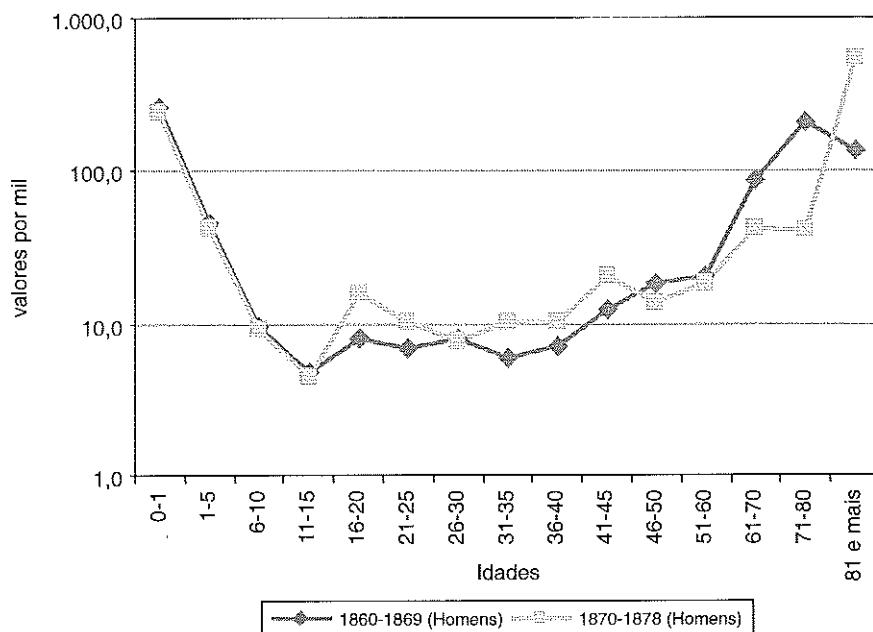


FONTES: ADE/RP/CP/OB (1860-1868); ADE/RP/SC/OB (1860-1868)

FIGURA 9. Mortalidade por idades nas freguesias mineiras de Mértola (homens e mulheres, 1860-1868)

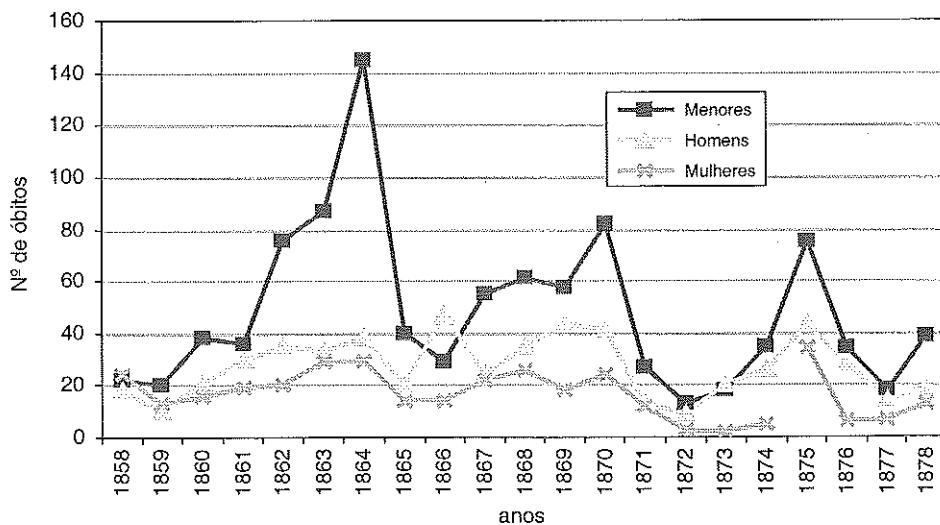
centos, a sinistralidade constituiu a principal causa de morte entre a população masculina de São Domingos, durante a idade activa. A distribuição dos óbitos ao longo do período 1858-1879, distinguindo os menores das mulheres e dos homens, vem realçar o factor trabalho dos restantes factores de morbilidade (figura 11). A análise da idiossincrasia entre as séries revela o comportamento anómalo da mortalidade masculina em 1866, 1869 e 1873, ou seja, no período de reestruturação do processo produtivo. Efectivamente, a mortandade registada entre 1862 e 1865 afectou sobretudo as crianças, enquanto os picos de 1870 e de 1875 afectaram todos.

O movimento sazonal dos óbitos mostra igualmente algumas diferenças entre os diferentes grupos (figura 12). Assim, as crianças morrem sobretudo nos meses de Junho e de Julho e no Outono, enquan-



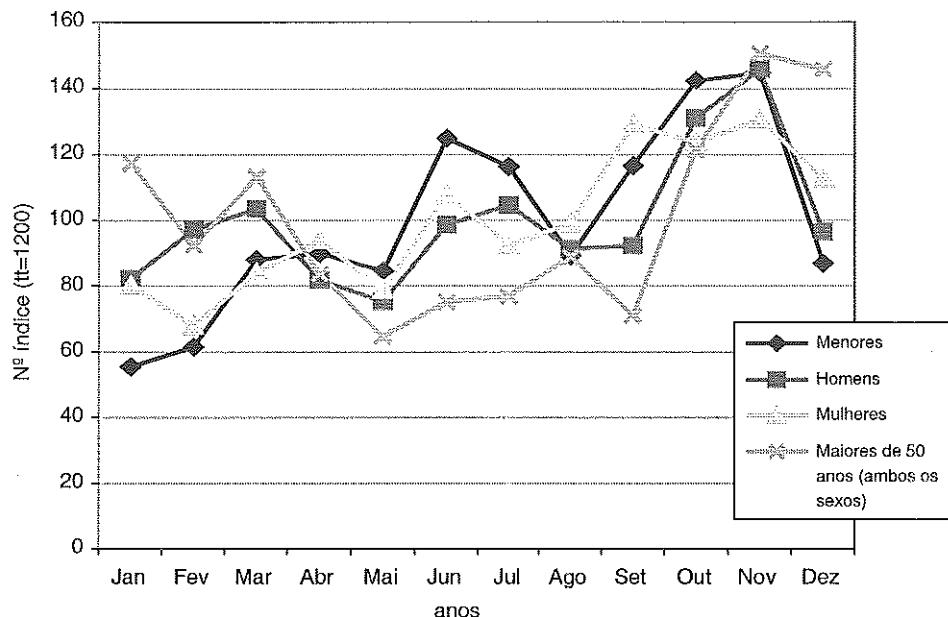
FONTES: ADB/RP/SC/OB ADB/RP/CP/OB (anos respectivos).

FIGURA 10. Mortalidade por idades nas freguesias mineiras de Mértola (homens, 1869-1869 e 1870-1878)



FONTES: ADB/RP/SC/OB e ADB/RP/CP/OB (1858-1878).

FIGURA 11. Variação do número de óbitos nas freguesias mineiras de Mértola, 1858-1900



FONTES: ADB/RP/SC/OB e ADB/RP/CP/OB (1858-1878).

FIGURA 12. Sazonalidade dos óbitos nas freguesias mineiras de Mértola (1860-1878)

to a maior parte dos velhos morre entre Outubro e Janeiro e em Março. Também os homens adultos morrem sobretudo entre Outubro e Novembro e em Julho. As mulheres, por seu turno, acompanham o movimento obituário dos homens, porém, com algumas diferenças: conhecem um pico de mortalidade em Setembro e outro em Abril. A primeira poderá estar relacionada com os problemas decorrentes dos partos, já que Março é o momento em que se regista o maior número de nascimentos (cf. figura 8). A segunda «apenas» antecede um movimento geral de mortandade.

A concentração da mortalidade, no início e no fim do verão, esteve associada a alterações de natureza ecológica resultantes da transformação do sistema de lavra e de produção. Quando a empresa decidiu construir represas de água para abastecer os tanques de cementação dos minérios «pobres» (i.e. < 2,5% de Cu), o paludismo, que era endémico na região, desenvolveu-se e surgiram surtos epidémicos de *sezões* que, não raras vezes, levavam à morte de crianças e dos indivíduos mais debilitados. O fenómeno, que era já antigo na região, assumiu neste contex-

to a forma de crise aguda, gerando tensões sociais¹³. Em 1875, o mal-estar provocado pelos fumos, resultantes da ustulação do minério, e pelas condições sanitárias, esteve na iminência de provocar uma sublevação das populações da região, levando as autoridades a intervir, primeiro com o reforço do exército, depois com uma comissão de inquérito para serenar os protestos, que se faziam ouvir na imprensa regional e, finalmente, com um relatório técnico que absolia a empresa de toda e qualquer responsabilidade (Sequeira-1883: 228). São dele os números que retirámos, relativamente à devastaçāo provocada pelas *sezões* e pelos acidentes de trabalho na corta (tabela 21).

Os acidentes tinham provocado 91 mortos entre 1868 e 1880. Este valor representa mais de metade dos óbitos de indivíduos do sexo masculino com mais de 14 anos que registámos nas duas freguesias mineiras. Ele não contempla seguramente os mortos ocorridos meses ou anos depois dos sinistros, como resultado de «chagas» ou de ferimentos que gangrenavam. Mais de 91% dos 2.442 indivíduos, vítimas de acidente, foram dados como «curados», o que é um nível de sucesso tão notável quanto suspeito para o meio mineiro. Entre 1873 e 1876, Sequeira registou 43 mortos na corta e na mina, mas deixou de fora outros 45 mortos no «caminho-de-ferro e trabalhos exteriores», onde os níveis de sinistralidade, relativamente à população empregada, eram superiores. Se estimarmos que a proporção dos sinistros nos dois sectores da empresa se manteve durante todo o período, então 11,4% dos mortos nas duas freguesias (mais de 70% dos óbitos dos homens em idade activa) tiveram por causa única os acidentes de trabalho. Esta mortalidade representava, relativamente à população média empregada pela Mason & Barry, L.td, uma mortalidade de 12,9 por cada mil trabalhadores ou 4,6 por mil indivíduos acampados na aldeia da mina¹⁴.

O paludismo, por seu turno, representava para a empresa uma despesa média anual em quinino de cerca de 200 mil réis, ou seja, 44% do

13 V. a este respeito, por exemplo, a distribuição sazonal da mortalidade e, em especial, da mortalidade infantil na freguesia de Cuba nos séculos XVII e XVIII (cf. Borges-1996:48 e 51). Embora ela irrompesse nos meses de verão, não tomava as proporções que registamos aqui.

14 Esta elevada mortandade no campo mineiro devida à sinistralidade levaria a imprensa local a levantar o problema, acusando Mason de sacrificar os homens à sua ganância pessoal. Uma comissão de inquérito oficial criada para avaliar a situação, acabou por explicar a situação, em parte, devido aos acidentes na corta, onde a massa mineral era menos consistente (cf. Sequeira-1883).

TABELA 21

População mineira ao serviço da Mason & Barry, Ltd., sinistralidade, doença e morte (1868-1880)

ANOS	PMIN	PTR	SEZ	FAL	DOE	ACID	MAC	ESTR	OB2F
1868	2600	1180	n.d.	n.d.	n.d.	128	6	1	123
1869	2800	1578	22	11	50	196	9	-	119
1870	2800	1548	23	13	70	168	9	7	147
1871	3000	1157	18	17	49	118	2	0	107
1872	3000	1482	17	7	50	181	10	18	88
1873	3000	1578	19	13	57	203	14	18	93
1874	3000	1766	29	28	45	241	12	18	150
1875	3000	1635	47	38	174	213	13	15	160
1876	2800	1020	25	36	105	241	4	9	143
1877	2800	944	34	20	112	215	6	10	108
1878	3000	1095	35	44	130	208	6	8	152
1879	2800	973	18	28	100	139	2	8	108
1880	2800	1074	n.d.	n.d.	n.d.	191	6	8	96

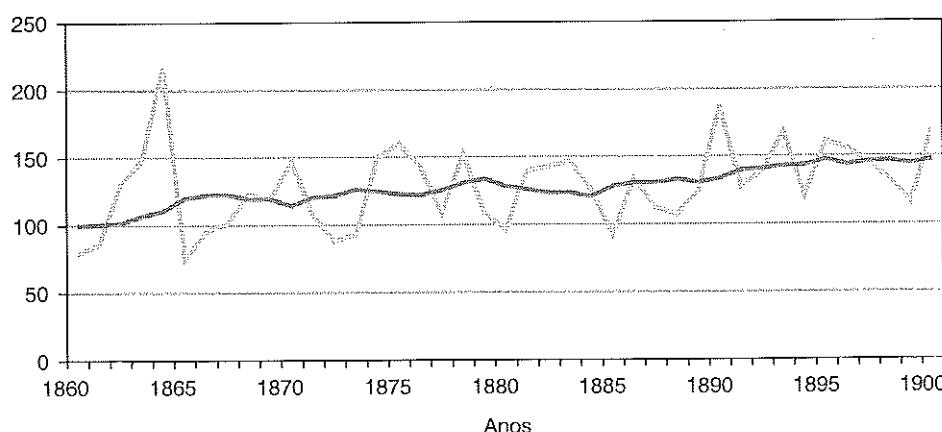
LEGENDA: PMIN. População mineira estimada; PTR. Número médio de pessoas ao serviço no estabelecimento; SEZ. Número de casos de sezões registados pelo médico da mina; FAL. Número de óbitos devido às sezões (população ao serviço da Mason & Barry e seus familiares); DOE. Casos de doenças registados pelo médico da mina em percentagem de PTRAB (Valores arredondados. Nota: também os familiares dos trabalhadores eram atendidos); ACID. Total de sinistrados registados na mina; MAC. Mortos por acidente no serviço da mina e da corta (não inclui mortos no caminho de ferro e no Pomarão); ESTR. Estropiados resultantes dos sinistros na mina e na corta; OB2F. Total de óbitos nas 2 freguesias.

FONTE: Sequeira-1883: 228, 230; ADB/RP/CP/OB e ADB/RP/SC/OB (anos referidos)

que gastava com todos os medicamentos. A quantidade de mortos provocada pelo paludismo (255) impressiona. Era responsável directo por uma taxa de mortalidade de 8,3 por mil habitantes, um valor manifestamente subestimado, pois a mortalidade registada pelos médicos atendia apenas aqueles que estavam ao serviço da empresa e aos seus familiares e não a toda a população das freguesias. Em 1875 o problema foi de tal forma grave que o director autorizou os seus empregados, encarregados e trabalhadores a irem morar nas aldeias vizinhas. No entanto, estes factores, largamente responsáveis pelos picos de 1868-1869 e de 1874-1876, viriam a ser limitados nos anos seguintes. Com os trabalhos na *corta* a atingirem a massa mineral mais compacta e com o início da florestação da área com eucaliptos, o número de mortos devido às sezões e aos sinistros viria a abrandar nos anos seguintes.

Em São Domingos, a alteração do ecossistema natural e a poluição dos ares e das águas constituiu assim um factor de morte, tão ou mais importante do que o próprio trabalho, ele próprio violento e brutal. No entanto, num meio já fortemente proletarizado, a oferta de trabalho que a mina proporcionava poderia minorar as crises periódicas de subsistências. Vejamos, pois, se as crises de mortalidade no meio mineiro tomavam já características diferentes.

Os poucos estudos disponíveis sobre as crises de mortalidade no Alentejo têm salientado a frequência com que tomam um carácter «misto», isto é, a mortandade quando era provocada pela doença, era muitas vezes precedida ou acompanhada pela subnutrição e pela fome. Um estudo sobre a mortalidade na região de Évora, durante a segunda metade do século XIX, mostrou que as crises deixaram de ter a intensidade e a frequência que tinham no passado (Mendonça-2000). As crises foram identificadas e classificadas de acordo com o método conhecido de Dupaquier, que consiste em medir a intensidade da variação da mortalidade, relativamente àquilo que se poderia considerar um nível de mortalidade «normal» para cada momento. Assim, a intensidade da crise é medida pela diferença entre o número de óbitos registado durante o ano e a média dos óbitos nos 10 anos precedentes, dividida pelo desvio padrão da média. O resultado, se for maior do que 1, é então classificado numa escala de 1 a 6, de acordo com a gravidade da «crise». O nosso exercício consistiu em fazer um exercício similar e compará-lo com aquele. Uma vez que este método, o que faz realmente é medir a amplitude da oscilação dum momento, relativamente a uma média anterior duma série, aplicou-se o mesmo método para medir as oscilações no preço do trigo, tomado aqui como indicador grosso dos preços correntes dos bens alimentares. O objectivo era tentar descortinar algumas conexões entre a crise do trabalho no meio rural, a «crise» alimentar e as crises de mortalidade. Para tal, servimo-nos dos preços municipais de Aljustrel no dia de Santa Maria. Entende-se que, quando os preços do trigo disparavam,



FONTES: ADB/RP/SC/OB e ADB/RP/CP/OB (1858-1878).

FIGURA 13. Evolução do número de óbitos em São Domingos (1860-1900)

os anos agrícolas eram maus e, por essa via, afectavam negativamente os preços dos géneros alimentares bem como o mercado de trabalho. Recorde-se que até 1889, os trigos foram de importação livre, diminuindo a amplitude de variação dos preços e, portanto, criando uma situação mais favorável aos consumidores. A partir daí, foram tabelados em alta. No entanto, a situação não deixava de afectar os mercados trabalhadores, gerando as «crises de trabalho», com todo o seu cortejo de miséria bem conhecida na região. O resultado deste exercício encontra-se na tabela 22.

A primeira leitura geral, que se pode fazer desta tabela, é que as crises de mortalidade afectaram mais as freguesias rurais do que a cidade de Évora. Foram de curta duração e tiveram incidência sobretudo local. Não surpreende também que elas sejam quase todas de baixa intensidade, com excepção de alguns casos no termo de Évora (anos de 1873 e de 1897). Porém, deve ser realçado o facto de São Domingos durante este período sofrer muito menos e com menor intensidade as crises por que se passava no coração do Alentejo. Por outro lado, a série relativa aos preços do trigo aponta para *alguma* relação com o comportamento da mortalidade nas zonas rurais, mas não parece afectar a população mineira. No entanto, encontram-se correspondências nos momentos de crise de mortalidade com Évora nos anos de 1862, 1864, 1872, 1874, 1883, 1891 e 1900 (cf. tabela 22 e figuras 11 e 13). Vejamos, em traços muito sumários, as características da mortalidade nestes anos em São Domingos.

A mortalidade excepcional de 1862 incidiu principalmente sobre as crianças e ocorreu entre os meses de Setembro e de Novembro. Os adultos acompanharam a alta mortandade durante Setembro e Outubro. Os preços do trigo estiveram muito elevados em 1861 e 1862, mas a distribuição dos óbitos, muito localizada no início do Outono, parece apontar para razões em que a fome não esteve presente. A crise social far-se-ia sentir no ano seguinte, quando entrou em funcionamento o caminho-de-ferro, mas sem consequências de maior no movimento obituário. Também sobre a crise de 1864 dispomos de pouca informação. Sabemos que incidiu sobre os meses de Maio e de Junho e afectou extraordinariamente os menores (figura 14). Não parece existir, em qualquer dos casos, razões económicas que possam ser aduzidas aos dois eventos, que foram bastante localizados no tempo. Em 1872 e 1873, foi assinalada a varíola em Évora. Contudo, em São Domingos a mortalidade excepcional foi provocada por razões locais, como vimos, que culminaram

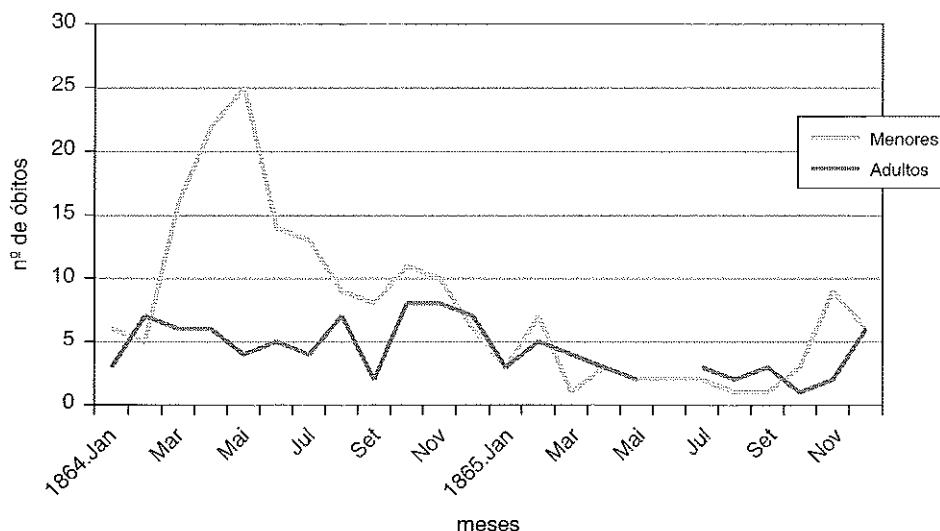
TABELA 22

*Crises de mortalidade em São Domingos, na cidade de Évora e nas suas freguesias rurais,
1860-1900*

Anos	São Domingos	Évora (cidade)	Évora (termo)	Trigo
1860	-	-	2	-
1861	-	-	2	0,98
1862	1	2	2	1,23
1863	-	2	2	-
1864	2	1	1	-
1865	-	1	-	-
1866	-	1	-	-
1867	-	2	2	1,46
1868	-	2	1	-
1869	-	1	1	0,63
1870	-	-	-	-
1871	-	-	-	-
1872	1	2	-	-
1873	-	2	3	-
1874	1	-	2	0,56
1875	-	-	-	0,46
1876	-	2	2	-
1877	-	-	2	-
1878	-	-	2	1,44
1879	-	-	2	-
1880	-	-	1	-
1881	-	1	2	0,83
1882	-	-	1	0,97
1883	1	-	2	-
1884	-	2	2	-
1885	-	-	1	-
1886	-	-	1	-
1887	-	1	1	-
1888	-	-	-	-
1889	-	-	2	-
1890	2	2	2	0,72
1891	1	1	2	-
1892	-	-	2	2,12
1893	-	-	2	2,10
1894	-	-	2	0,45
1895	-	-	2	1,26
1896	-	-	2	n.d.
1897	-	-	3	n.d.
1898	-	-	2	1,38
1899	-	-	2	-
1900	1	-	1	-

NOTA: Refere-se a intensidade máxima da «crise» em pelo menos uma freguesia do termo ou da cidade de Évora. Os valores para a variação dos preços do trigo foram registados se $>0,4$.

FONTES: Mendonça-2000: 82 e 83; ADB/RP/CP/OB (1860-1900) e ADB/RP/SC/OB (1860-1900)



FONTES: ADB/RP/SC/OB (1864) e ADB/RP/CP/OB (1864).

FIGURA 14. Crise de mortalidade de 1864

na mortandade de 1874. Esta crise, de fraca intensidade, resultou sobretudo da acção combinada da mortalidade, provocada pelas «febres intermitentes» e dum elevado número de mortos nos trabalhos a céu aberto e no exterior. A crise de 1883 foi indicada como tendo, sobretudo, razões económicas (Mendonça-2000). Em São Domingos, no entanto, vive-se um dos momentos mais altos de produção. A mortalidade excepcional de 1890-1891, por seu turno, parece ter resultado dum conjunto combinado de factores. Um surto de *influenza* na região, vinda de Espanha, combinou-se com a crise na agricultura (por razões climatéricas) e na indústria mineira. Durante essa década, o regresso de muitos trabalhadores às suas terras de origem não foi suficiente para melhorar o ambiente económico, vivido pelos trabalhadores e o início do novo século irá assistir à emergência duma nova conflituosidade laboral.

CONCLUSÃO

Durante a segunda metade do século XIX, constituiu-se em torno da massa mineral de São Domingos uma comunidade mineira, cujo comportamento demográfico foi largamente afectado pelas transformações

ambientais, geradas pelo novo empreendimento e pelo seu pulsar produtivo. Contando com a existência na região dum proletariado rural, a comunidade constituiu-se rapidamente em torno de um novo mercado de trabalho, mais duro e arriscado, mas com garantia de remuneração regular. A procura regular de trabalho e a oferta de habitações permitiram, assim, que grupos de migrantes «despossuídos» constituíssem família e se enraizassem. As populações da região, que se estendia de Serpa e de Moura ao Algarve, passando pela população da raia de Espanha, puderam contar com o trabalho na mina, durante os anos agrícolas críticos. Existe uma relação óbvia entre a procura de trabalho e a demografia mineira: o povoamento mineiro responde ao pulsar da sua actividade económica, dada a existência prévia dum proletariado rural e das relações mediatizadas por um mercado de trabalho livre. Contudo, durante o período, não existe uma relação directa entre a curva produtiva e os efectivos populacionais, dados os ganhos de produtividade no trabalho, gerados pela organização industrial e pela utilização de novas tecnologias nos seus múltiplos ramos. Não há também uma relação directa entre esses efectivos e a procura da empresa, devido os laços de dependência entretanto criados, gerando situações de sub-emprego ou de pluri-actividade em períodos críticos. Viu-se, no entanto, que a mobilidade e o peso da população masculina em idade activa «estruturam» comportamentos colectivos.

A elevada desproporção entre os sexos pode explicar a entrada precoce no casamento, por parte das mulheres, bem como a diferença de idades registada entre os sexos na altura do primeiro matrimónio (> 4 anos). Os segundos casamentos em idade jovem eram também frequentes e poucas mulheres morriam solteiras. A conjugação destes factores afectou directamente a fecundidade. Deste modo, a natalidade não era afectada pela elevada mortalidade masculina, decorrente do trabalho mineiro, durante o período fértil da mulher.

Razões de ordem económica podem explicar a necessidade de casar cedo, tanto por parte das mulheres como por parte dos homens. Dependendo a economia doméstica, sobretudo dos salários que os homens traziam para casa, o casamento constituía para as mulheres a solução óbvia para os problemas, resultantes da morte do pai ou do marido. Também para um trabalhador, ter o maior número de filhos a trabalhar na mina, constituía um importante reforço da economia doméstica. Isto mesmo era notado pelos contemporâneos. Um administrador do concelho de Mértola, preocupado pelo facto do povo estar «ainda pouco intei-

rado da utilidade e vantagens da instrução para melhorar a sua condição social», afirmava que o «pai proletário, desde que o filho pode ajudar a ganhar o pão de cada dia, ordinariamente quando completa os 7 anos (...) sujeita-o a qualquer trabalho com que possa ajudar a vida da família». E acrescentava: «Na freguesia da Corte do Pinto é onde este facto se torna mais sensível. As crianças desta povoação são logo aos sete anos provadas do estudo e empregadas pelos pais na actividade industrial da mina de São Domingos» (Batalha-1866).

O trabalho de cada criança representava cerca de $\frac{1}{4}$ do salário dum adulto e essa desproporção ia diminuindo durante a adolescência. Ter muitos filhos era ainda uma segurança para o futuro. À medida que as forças declinavam, os filhos iam entrando no pico do seu rendimento. Quando, finalmente, já não pudesse trabalhar, só a solidariedade dos filhos o impediria de cair na mendicidade¹⁵. Se isto é verdade, então estes «desposuídos» eram proletários porque eram pobres (e não o inverso). Nesta perspectiva, e na medida em que o mercado de trabalho mineiro viabilizava a reprodução dos «malteses», a mina acabava por gerar a «sua» própria força de trabalho.

A ideia de que «a grande indústria mineira criou a sua própria dinâmica demográfica» ou que «introduziu elementos substancialmente novos na sua área de influência» foi demonstrada em universos similares no sul de Espanha (Cohen-1987:281). Verificou-se também em São Domingos como o comportamento demográfico desta população era afectado directamente pelo pulsar económico da exploração mineira, a qual esteve ligada à economia-mundo britânica. Nos períodos de expansão, a população estacionada na mina aumentava e os casamentos tendiam a fazer-se mais cedo do que nos períodos de recessão, com consequências directas sobre a natalidade.

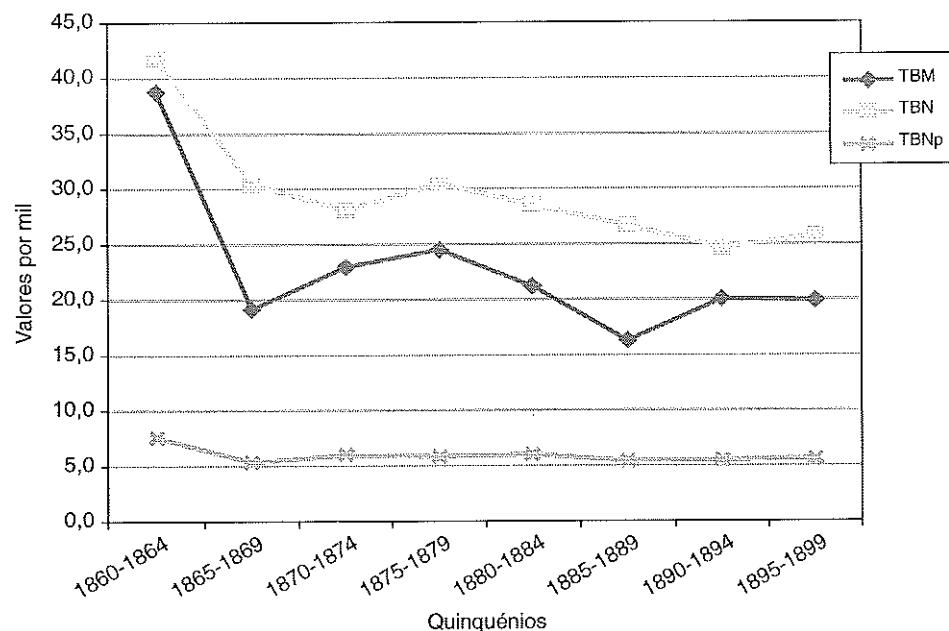
A análise da mortalidade realçou a influência de dois factores ligados directamente à actividade mineira: as doenças «sezoníticas», com maior incidência sobre a mortalidade infantil, e a sinistralidade, que

15 A quantidade de mulheres «mendigantes» registadas pelo pároco de Corte Pinto impressiona o observador. Infelizmente, o registo dos velhos não tinha geralmente qualquer referência à sua actividade, tornando impossível fazer uma avaliação correcta deste destino proletário. Podemos, contudo, fazer uma ideia a partir dos registos dos falecidos com mais de 45 anos, no Hospital Espírito Santo, em Évora nos anos críticos de 1881 a 1897. Duma amostra de 351 registos, 10,5% desses homens eram mendigos e praticamente representavam todos daqueles que não tinham profissão. A lista encontra-se publicada por Mendonça (2000).

constituía causa de morte frequente dos rapazes e dos homens até aos 45 anos. No caso das mulheres, as primeiras parições poderão explicar a mortalidade excepcional no grupo entre os 20 e os 24 anos. A análise da mortalidade por grupos de idade entre 1860 e 1880 mostrou um recuo entre as crianças e entre os idosos. Entre a população em idade activa, verificou-se que a mortalidade aumentou entre os homens. A actividade dos médicos da companhia, oferecendo uma assistência mais efectiva do que aquela que era proporcionada nos meios rurais, não foi suficiente para minorar aqueles factores decorrentes do desenvolvimento industrial, durante este período. Em suma, o paludismo e a sinistralidade constituíram duas grandes causas de morte entre a população de São Domingos. As fontes disponíveis não nos autorizam ir mais longe por agora. Notámos, porém, que os períodos de mortalidade excepcional foram raros e pouco intensos, mesmo quando comparados com os que se verificam na região de Évora, no mesmo período. Os anos mais críticos ocorreram na última década e associámo-los à crise económica no sector agrícola e na indústria mineira.

Finalmente, salientemos que o impacto de São Domingos não se circunscreveu às freguesias onde a empresa desenvolvia a actividade. Vimos que nas freguesias rurais do concelho de Mértola, a evolução da população, maioritariamente feminina, se fez a um ritmo diferente. Além disso, a área de recrutamento regular de trabalhadores estendia-se para além da centena de quilómetros. Para muitos homens, o trabalho na mina constituiu um episódio das suas vidas, que serviu apenas para juntar algum dinheiro. Para outros foi um caminho sem regresso.

ANEXOS



FONTES: ADB/RP/SC/BA, CA e OB (1860-1899); ADB/RP/CP/BA, CA e OB (1860-1899).

FIGURA 15. *Taxas de Natalidade, Nupcialidade e Mortalidade nas freguesias de Corte Pinto e Santana de Cambas, 1860-1899*

TABELA 23

Diferença entre o tempo de registo das crianças por sexo na freguesia de Corte Pinto, 1860-1866, 1870 e 1890

Dias	Feminino	FCumfi	Masculino	MCumfi	RM
1 dia	9	9,4	9	7,6	100
2-7 dias	6	15,6	10	16,1	167
8-30 dias	34	51,0	43	52,5	126
31-60 dias	27	79,2	25	73,7	93
90-120 dias	9	88,5	15	86,4	167
120-365	9	97,9	10	94,9	111
1 a 2 anos	2	100,0	6	100,0	300
Total	96		118		123

LEGENDA: Feminino: número de crianças do sexo feminino registadas no período; Masculino: idem, sexo masculino; FCumfi: frequência acumulada relativa, sexo feminino; MCumfi: idem, sexo masculino; RM: relação de masculinidade.

FONTES: ADB/RP/CP/BA (1860-1866)

TABELA 24

Taxas de mortalidade por grupos de idade nas freguesias de Corte Pinto e de Santana de Cambas (1860-1869)

[valores por mil]

Períodos Idades	1860-1869	
	Homens	Mulheres
0-1	259,7	235,8
1-5	45,7	64,0
6-10	9,5	11,4
11-15	4,9	3,0
16-20	8,0	7,9
21-25	6,9	7,0
26-30	7,9	10,8
31-35	6,0	11,9
36-40	7,1	9,8
41-45	12,4	6,8
46-50	18,6	12,5
51-60	20,8	26,4
61-70	86,0	66,7
71-80	209,1	171,4
> 80	133,3	175,0

FONTE: ADB/RP/SC/OB (1860-1878), ADB/RP/CP/OB (1860-1878).

FONTES

Fontes manuscritas. Registos Paroquiais

ADB. Arquivo Distrital de Beja

ADB/RP. Registos Paroquiais

ADB/RP/SC. Concelho de Mértola. Freguesia de Santana de Cambas

ADB/RP/SC/BA. Baptizados (1858-1900)

ADB/RP/SC/CA. Casamentos (1858-1900)

ADB/RP/SC/OB. Óbitos (1858-1900)

ADB/RP/CP. Concelho de Mértola. Freguesia de Corte Pinto

ADB/RP/CP/BA. Baptizados (1858-1900)

ADB/RP/CP/CA. Casamentos (1858-1900)

ADB/RP/CP/OB. Óbitos (1858-1900)

Fontes impressas. Censos da população e inquéritos industriais

POPULAÇÃO (1868). Censo no 1º de Janeiro 1864. Lisboa, Imprensa Nacional.

PORTUGAL. COMISSÃO CENTRAL DIRECTORA DO INQUÉRITO INDUS-

TRIAL REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA (1882). *Inquérito Industrial de*

1881. Lisboa: Imprensa Nacional.

- PORtugal. I.N.E. (1964). *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas adjacentes (1960) Tomo I. Prédios e fogos; População – dados retrospectivos (distritos concelhos e freguesias)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- PORtugal. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria Direcção Geral de Estatística e Comércio. Repartição de Estatística Geral (1896). *Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 336 pp.
- PORtugal. Ministério dos Negócios da Fazenda. Direcção Geral da Estatística e Próprios Nacionais (1905). *Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900*. Vol. I., Lisboa: Imprensa Nacional. 342 pp.
- PORtugal. MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMMERCIO E INDÚSTRIA DIRECÇÃO GERAL DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA (1891). *Inquérito Industrial de 1890*. I. Indústrias Extractivas. Minas e Pedreiras. Lisboa: Imprensa Nacional.

Relatórios de inspectores das circunscrições mineiras e notícias de observadores externos

- BATALHA, Augusto Ernesto (1866). «Relatório apresentado ao Illm.º exm.º sr. Governador civil do distrito administrativo de Beja, pelo administrador do concelho de Mértola...», *Sul de Portugal*, ano I, 27, 5 de Agosto.
- CABRAL, J.A.C. das Neves (1864). *Relatório sobre a Exposição Universal de Londres de 1862. Estudos Geológicos, Minerais Úteis e Suas Aplicações, Metalurgia e Lavra de Minas*, Lisboa, Imp.Nac., 304 pp.
- CASTRO, Ferreira de (1986). «História da Velha Mina», *Diário do Alentejo*, Beja, 14.Mar.1986.
- GIÃO, António (1923). *A Mina de S. Domingos. Notas de uma excursão*, Reguengos, 1923.
- LEITÃO, João Maria (1861). «Relatório sobre a mina de São Domingos», *Bol. Min. Obr. Publ. Com. Ind.*, XI (1861), 398 e XII, 521.
- MONTEIRO, Severiano; BARATA, João Augusto (1889). *Exposição Nacional das Indústrias Fabris. Catálogo Descriptivo da Secção de Minas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 494 pp.
- SEQUERA, Pedro Victor da Costa (1883). «Notícia sobre o estabelecimento mineiro de S. Domingos», *Revista de Obras Públicas e Minas*, t. XIV, 163-164 e 167-168.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Helena (1997). *Mina de São Domingos: Génese, formação social e identidade mineira*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. 204 pp.

- AMARO, António Manuel Antunes Rafael (2003). *Economia e Desenvolvimento da Beira Alta: Dos finais da Monarquia à II Guerra Mundial (1890-1939)*, Coimbra, Universidade de Coimbra; Faculdade de Letras, 2003, 766 pp.; dissertação de doutoramento.
- AMORIM, Maria Norberta Simas B. (1987). *Guimarães (1580-1819): Estudo Demográfico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 528 pp.
- BANDEIRA, Mário Leston (1996). *Demografia e Modernidade: Família e Transição Demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 562 pp.
- BORGES, Emilia Salvado (1996). *Crises de Mortalidade no Alentejo Interior: Cuba (1586-1799)*. Lisboa: Colibri. 191 pp.
- CHARBONNEAU, Hubert; MARCILIO, Maria Luiza (1979). *Démographie Historique*. Paris: P.U.F. 213 pp.
- CHASTAGNARET, Gérard (2000). *L'Espagne, Puissance Minière dans l'Europe du XIXe Siècle*. Madrid: Casa de Velázquez.
- COHEN AMSELEM, Aron (1987). *El Marquesado del Zenete, Tierra de Minas: Transición al Capitalismo y Dinámica Demográfica (1870-1925)*, Granada, Diputación Provincial, 511 pp.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996a). «Sistemas de lavra na mina de São Domingos (1854-1966)», *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal, pp. 174-184.
- CUSTÓDIO, Jorge (1996b). «James Mason e a construção da imagem da mina de São Domingos», *Mineração no Baixo Alentejo*, Castro Verde, Câmara Municipal, pp. 198-229
- EVANGELISTA, João (1971). *Um Século de População Portuguesa (1864-1960)*, Lisboa, INE/Centro de Estudos Demográficos, 249 pp.
- FERREIRA, Francisco Messias Trindade (2001). *A Antiga Freguesia de Eixo e Oliveirinha e Sua População (1666-1900)*, Aveiro, Câmara Municipal, 190 pp.
- FERRERO BLANCO, María Dolores (1998). «Mortalidad y Morbilidad en Riotinto: 1873-1899», *I Congreso Nacional Cuenca Minera de Riotinto*. Riotinto, 28-30 Octubre 1988, pp.617-637.
- FERRERO BLANCO, María Dolores (1994). *Capitalismo Minero y Resistencia Rural en el Sudoeste Andaluz. Rio Tinto 1873-1900*. Huelva: Diputación Provincial.
- GARCIA, João Carlos (1988). «Portuguese copper and the sea trade in the Western Mediterranean from 1895 to 1909», *Rev. da Fac. Letras da Univ. do Porto*, Porto, I, IV, 1988, pp.291-299.
- GARCIA, João Carlos (1996). *A Navegação no Baixo Guadiana durante o Ciclo do Minério (1857-1917)*. Porto: Dissertação de doutoramento. 1.200 pp.
- GIL VARÓN, Luis (1984). «Migración Portuguesa a las minas de Rio Tinto», *III Coloquio Ibérico de Geografía*, Barcelona, Universidade, pp. 322-329.
- GUIMARÃES, Paulo (1989). *Indústria, Mineiros e Sindicatos: universos operários do Baixo Alentejo dos finais do século XIX à primeira metade do século XX*, Lisboa, I.C.S., 1989, 113 pp.

- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (1996). «O Alentejo e o Desenvolvimento Mineiro durante a Regeneração», *Mineração no Baixo Alentejo, Castro Verde, Câmara Municipal*, pp.114-129
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (2001). *Indústria e Conflito no Meio Rural Os mineiros alentejanos (1858-1938)*, Évora: Cidehus/Colibri. 306 pp.
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo (2002). «Comunidad, clase y cultura en los trabajadores mineros del Sur de Portugal», *Politica y Sociedad*, Vol 39, Num. 2 pp. 457-479.
- HENRY, Louis (1972). *Démographie: Analyse et Modèles*. Paris: Librairie Larousse. 338 pp.
- HENRY, Louis; BLUM, Alain (1988). *Techniques d' Analyse en Démographie Historique*. Paris: L'Institute National d'Études Démographiques. 180 pp.
- LÓPEZ MARTÍNEZ, Antonio Luís (2004). «Inmigración Portuguesa y Mercado de Trabajo en la Cuenca Minera Onubense», *Anuario de Investigaciones Hespérides*, nº 12, pp.51-66.
- MAIA, José João Maduro (1994) *Flutuações e Declínio da Mortalidade na Cidade do Porto (1870-1902): Ensaio de Demografia Histórica*, Porto, 155 pp.
- MARQUES, Manuel Pedro Oliveira (1970). *Algumas Considerações sobre a Mortalidade Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. 129 pp.
- MORAIS, Maria da Graça Divid (2002). *Causas de Morte no Século XX: Transição e Estruturas da Mortalidade em Portugal Continental*, Évora, Cidehus, 393 pp.
- MENDONÇA, Alice (2000). *Crises de Mortalidade no Concelho de Évora (1850-1900)*, Lisboa, Cosmos, 266 pp.
- NAZARETH, J. Manuel (1977). *Tábuas Abreviadas de Mortalidade Globais e Regionais 1929-1932, 1939-1942 e 1949-1952*. Lisboa: I.N.E.; Centro de Estudos Demográficos. 136 pp.
- ROQUE, João Lourenço (1988). *A População da Freguesia da Sé de Coimbra (1820-1849): Breve estudo sócio-demográfico*. Coimbra: Faculdade de Letras. 191 pp.
- REHER, David, coord. (1995). *Reconstituição de Famílias e Outros Métodos Microanalíticos para a História das Populações: Estado actual e perspectivas para o futuro*, vol.1, Porto, Afrontamento, 308 p.
- ROWLAND, Robert (1997). *População, Família, Sociedade: Portugal, Séculos XIX-XX*, Oeiras, Celta, 221 p.